



BROTHERHOOD

OF
BLOOD



V RARE VINTAGE

BIANCA D'ARC



Safra Rara

Disponibilização: Ana Paula Batista
Tradução e Revisão Inicial: Cleide
Revisão Final: Rachael Moraes

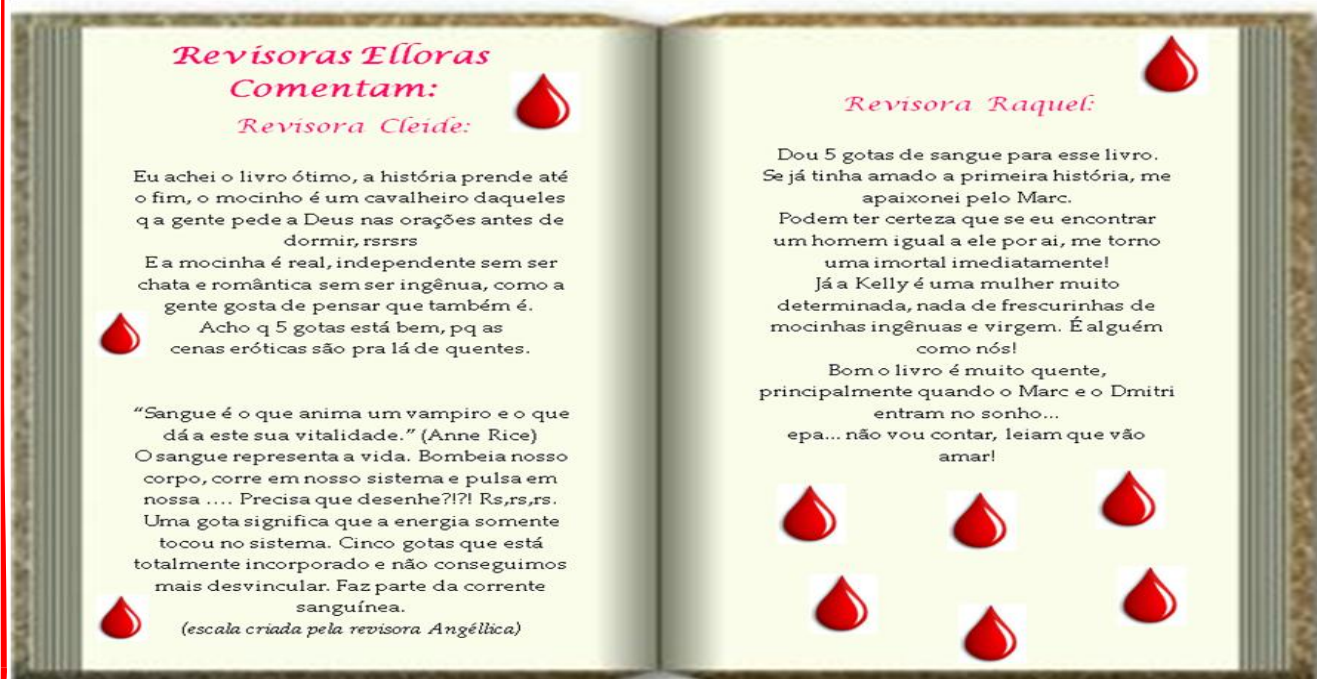


Resumo

Ela daria sua vida para salvar a sua, mas ele pode salvá-la de si mesmo?

Marc LaTour é o vampiro Mestre. Kelly é a nova assistente na vinícola que sua melhor amiga e seu novo marido possuem. Marc está obcecado com Kelly, entretanto ele duvida que possa ser tão sortudo para finalmente para achar a sua Única depois de mais de seiscentos anos de procura. Ainda assim, ele reage com ciúme quando seu antigo amigo e companheiro Mestre vêm para uma visita.

Marc e os outros homens se revezam vigiando Kelly, na esperança de prevenir eventos hediondos previstos em seu futuro, mas existem outras intrigas em andamento. Um vampiro emergente no território de Marc emite um desafio para tomar a liderança dele. Vai ser uma luta até a morte, mas Marc sabe que ele tem muito para viver... Se Kelly acabar por ser sua Única.



Capítulo Um

Kelly sentou atrás de sua mesa no escritório, encarando a tela do computador. Um forte suspiro levantando sua franja da testa. As coisas na vinícola estavam em polvorosa desde que o Mestre vampiro da região, Marc LaTour, havia se mudado para lá. Bem, ao menos para ela.

O maldito homem parecia estar em todo lugar que ela se virava, observando-a com aqueles escuros misteriosos e experientes olhos. Desde que decidira trabalhar a noite para estar disponível durante a maior parte do tempo quando sua melhor amiga, Lissa, e seu marido, Atticus, precisassem dela, tinha preciosos raros momentos á luz do dia, quando Marc não podia encurralá-la.

Na noite anterior ele a tentou com o Lamborghini amarelo de novo, acelerando o motor enquanto o tirava da garagem da mansão.

"Só levando seu carro para um passeio, *ma petite*," ele falou para ela do acento do motorista. "Não gostaria de se juntar a mim?"

"Não, obrigada." Ela foi tão firme quanto possível e se virou enquanto ele gargalhava. A parte mais difícil era que ela adoraria dirigir um carro tão caro. Era o homem que precisava evitar se quisesse manter a sanidade.

Ela ouviu o ronco do motor do carro esporte que se afastava um minuto depois. Marc a enfurecia. Ele tentou dar o carro como um presente á ela, o qual ela recusou sem rodeios, mas ele insistia. Ele era como um cachorro com um osso, e ela era a única os quais os nervos estavam sendo massacrados.

Ela nunca havia gostado do longo trajeto que tinha que fazer da cidade até a vinha. Ela estava trabalhando para Lissa e Atticus desde pouco antes do casamento como assistente do casal. Fez sentido para ela se mudar para a mansão onde trabalhava e onde uma de suas melhores amigas morava. Eles certamente tinham muitos quartos disponíveis na mansão.

Kelly havia se mudado para um dos muitos quartos de hóspedes da mansão algumas semanas após o casamento de Atticus e Lissa. O contrato de aluguel do seu pequeno apartamento na cidade havia vencido, e ela aproveitou a oportunidade para se mudar.

As coisas estavam indo bem até Marc aparecer com um carro esporte amarelo e uma bolsa a tiracolo. Marc havia aparentemente decidido, em sua maneira arrogante, que ele precisava se mudar para perto de seus amigos enquanto sua própria casa estava sendo reformada. Atticus e Marc eram sócios de longa data e amigos íntimos.

Eles também eram imortais.

Eles se conheciam há muito mais tempo do que Kelly já tinha vivido. Séculos, de fato. Ainda confundia sua cabeça pensar que sua melhor amiga, Lissa, era agora tão imortal quanto seu novo marido. O pensamento de viver para sempre era intrigante – até mesmo tentador – mas não prático para Kelly. Só o pensamento de beber já a fazia tremer. Não, ela preferia viver uma vida normal sem a necessidade de beber sangue. Bem, tão normal quanto fosse possível quando uma de suas melhores amigas era uma vampira.

Kelly retornou ao trabalho, passando o tempo até o pôr do sol quando Lissa e Atticus estariam acordados. Marc também, infelizmente. Não que ele fosse repulsivo. Na verdade, ele era um dos mais belos homens que ela já havia encontrado, mas era muita areia pro seu caminhãozinho.

Ela se recostou na cadeira, encarando a tela novamente, perdida em pensamentos. Kelly pulou quando um sopro de ar quente chiou em seu ouvido.

Era Marc, é claro. Ele estava flutuando perto, bem acima do seu ombro. Ela podia senti-lo, ainda que ele não tivesse feito nenhum barulho enquanto se aproximava. Só agora ela ouvia

Irmandade do Sangue 02

sua lenta respiração e o modo deliberado que ele inalou o cheiro dela como se ele estivesse sentindo um perfume raro.

"Eu pensei que tivesse deixado bem claro para você que não sou um lanche."

"Mmm, eu concordo plenamente." Ele baixou sua cabeça, seu queixo teimoso roçando o pescoço dela, arrepiando-a. "Eu imagino você como uma refeição para sete talheres." Ele enfatizou suas palavras lambendo a pele sensível bem acima da sua pulsante jugular. "Ah, *l'apparatif c'est merveilleux*. Um satisfatório banquete para os sentidos é o que você é."

O homem a havia lambido! Ela mal podia acreditar nisso. Estava mal controlando os tremores que queriam correr sua espinha abaixo. Era devastador perceber que eram tremores de excitação, não de repulsa.

Isso tinha que parar. O cara era um rolo compressor e se ela não tomasse cuidado, acabaria esmagada. Estendida, isso sim, de costas com ele possuindo cada pedaço do seu corpo, seu sangue e sua sanidade.

"Sr. LaTour!" Ela girou em sua cadeira, fazendo-o se afastar. "Pela última vez, eu não estou no menu."

O olhar escuro dele brilhou sobre ela, refletindo humor em suas profundezas. "Meu título correto é Mestre, mas você pode me chamar de Marc, *ma chérie*."

Ela revirou os olhos, encarando-o corajosamente. "Não chamo homem nenhum de Mestre."

"Ah, mas, *ma petite*, não sou um simples homem. Por séculos, tenho sido algo mais... e menos." Ele se virou pensativo como se refletisse sobre o momento que estava nesse ponto em sua longa e solitária existência.

"Eu sei o que você é." Kelly se colocou em pé, enfatizando suas palavras apontando-lhe o dedo rudemente, mas ele gostava do seu fogo. "Você é um mulherengo, um canalha e alguém que acha que as regras não se aplicam a si próprio."

Ela estava fumegando, e Marc estava adorando o show. Kelly era adorável quando ficava brava. Era só mais uma coisa que o fascinava em relação a essa pequena e complexa mulher mortal.

"Infelizmente você está certa sobre algumas coisas. Eu nunca segui as regras, *chérie*, por que por muitos anos, tem sido eu quem as faz. Ai de mim, eu admito ser um pouco canalha às vezes, mas me nego ser chamado de 'mulherengo'. Enquanto é verdade que me divirto mais tirando meu sustento das fêmeas mais do que dos machos, eu sempre as deixei bem satisfeitas e sem reclamações. Na verdade, elas raramente se lembram de mim." De novo, aquela estranha dor de algo que podia soar como um lamento dele. Ele afastou o pensamento e invadiu o espaço pessoal dela, chegando perto e levantando seu queixo para que pudesse olhar dentro dos seus belos olhos.

"Eu aposto que você se lembraria de mim, no entanto, *ma petite*. Seria difícil embaçar sua mente fascinante, e eu acho que gosto da idéia de você pensando em mim por muitos anos no futuro, pois eu vou estar, com certeza, pesando em você. Você é..." a voz dele baixou para um sussurro, "... eminentemente memorável, *mademoiselle*."

Ele se curvou, baixando sua cabeça como se fosse beijá-la. Os olhos dela se arregalaram, mas ela não se afastou. Estava tão presa quanto ele. Ele estivera sonhando com ela por semanas - querendo conhecer o sabor dos seus lábios, sentir sua língua e a paixão do seu beijo.

"Há algo mais em que eu possa ajudá-lo, Marc?" A voz alta de Lissa soou da porta, trazendo os sentidos de Kelly de volta, colocando um espaço entre eles tão rápido quanto ela conseguiu com suas pernas bambas.

Lissa atravessou a sala para se colocar próxima de Kelly, indicando sem palavras que protegeria sua amiga humana, mesmo do Mestre. Kelly sabia que era um movimento ousado,

Irmandade do Sangue 02

considerando que Lissa fora recém transformada, e Marc tinha séculos de experiência acima dela. Mas ambas tinham sido amigas desde a época da faculdade e eram mais próximas do que irmãs. Elas já haviam se protegido por muitos anos. Kelly sabia que Lissa faria qualquer coisa por ela, assim como ela faria por sua amiga.

Kelly era a única do seu antigo grupo de estudo que sabia o que Lissa havia se tornado, embora todas tivessem devidamente inspecionado seu marido e lhes desejado o melhor. Elas sempre foram próximas, mas Kelly e Lissa eram melhores amigas. Sempre havia sido assim, desde o momento que elas se conheceram em uma aula de matemática avançada todos aqueles anos atrás.

"Não, não há nada em que possa me ajudar, novata." O sorriso de Marc era respeitoso, mas com um leve toque de zombaria enquanto ele tomava a mão de Kelly e a levava até seus lábios. "Até depois, *cherie*." Ele deixou a sala tão silencioso como havia chegado, deixando as duas mulheres sozinhas.

Kelly se jogou sobre sua cadeira com uma mistura perturbadora de alívio e frustração. "Obrigada, Lis."

"Se ele te trouxer algum problema, me diga, ok? Eu posso não ser tão forte, mas Atticus com certeza pode chutar o seu traseiro – e irá – se ele não seguir nossas regras em nossa casa."

Kelly estendeu a mão para tocar a de sua amiga. "Estou bem, mas agradeço a oferta. Eu avisarei se ele passar dos limites."

Capítulo Dois

“Minha mulher não está muito contente com você, Marc.” Atticus serviu dois copos de vinho tinto e estendeu um para seu companheiro. A fruta fermentada da videira era a única coisa que ligava sua raça à luz do dia – que era ao mesmo tempo seu anseio e sua dor. Era a única coisa que podia lhes oferecer tranquilidade e um pouco de cura. “Você não pode simplesmente deixar a amiga mortal dela em paz?”

Marc estudou sua expressão, mas sentiu o turbulento conflito em seu coração. “Eu não estou certo de que posso. Ela me atrai de uma maneira que nunca experimentei em todos esses anos.” Ele balançou a cabeça para clarear. “Mas não a quero magoá-la. Você me conhece. Além do mais, eu tenho preocupações maiores. Atticus, eu preciso que você assuma o papel de Mestre dessa região.”

“Esse não é o seu trabalho? Você sabe que estou aproveitando cada momento que tenho com minha nova parceira. Nós ainda somos recém casados, afinal. Se eu for o Mestre da região, o trabalho me obrigaria a muitas viagens a trabalho longe de Lissa, e eu sou um tanto egoísta para ficar tanto tempo longe dela.”

“Você não percebe? Ter encontrado sua parceira fez de você um candidato perfeito para me substituir. O resto de nós o vê como alguém mais estável e mais poderoso pela virtude de ter encontrado uma companheira. Aquele presunçoso Gibson nunca ousaria desafiá-lo, e está chegando o momento em que ele me desafiará. Eu não quero ter que matá-lo. O trabalho não é mais assim tão importante para mim. Estou cansado, Atticus. Eu mereço um descanso.”

“Isso soa suspeitosamente definitivo, Marc. Não me diga que está considerando...”

“Não diga isso.” Marc cansadamente ergueu uma mão. “Não, não virei suicida, mas eu quero o que você tem, Atticus. Você encontrou sua predestinada. Você tem propósito e felicidade na sua vida. Já faz tempo desde que eu realmente me alegrava com meus anos sem fim nessa terra. Ser o Mestre costumava ser suficiente, mas depois de ver você e sua companheira juntos, eu percebi o quão vazio meu mundo realmente é.” Ele terminou seu vinho e voltou a se sentar. “Eu quero propósitos. Eu não quero mais somente existir. Eu quero um pouco de alegria em minha vida, um pouco de felicidade. Isso é errado?”

Atticus observou-o com olhos sérios. “Não é errado, Marc, mas vou te contar uma coisa que nunca contei a ninguém. Quando encontrei Lissa, eu estava pronto para morrer. Eu estava quase desistindo, na realidade” Marc não ficou tão chocado pela revelação quanto deveria. Ele sentia que Atticus estava alcançando um ponto sem retorno, mesmo quando ele mesmo também se aproximava do seu. “Como você sabe, todos os outros passageiros daquele micro ônibus morreram nos primeiros momentos do acidente. Eu tive uma barra de apoio atravessada no peito, muito perto do coração.”

“*Sacre bleu!*”

“Somente Lissa sobreviveu daqueles passageiros, e eu estava pronto para me deixar sangrar até o fim, mas então pensei nela. Eu mal a conhecia, mas ela havia chamado minha atenção durante a curta viagem. Ainda, eu não tinha idéia de que ela se tornaria minha companheira. Eu só sabia que não queria que ela morresse. Eu arranquei aquela estaca do meu peito e a salvei. Eu relutei em salvá-la, mas no momento em que provei da sua essência, eu soube que era especial. Quando fizemos amor...” Atticus consumiu-se. Parecendo perdido nas lembranças daquele momento, “... nossas mentes, nossos corações, nossas almas se uniram e eu soube que ela era Escolhida que eu estava esperando por todos esses séculos.” Atticus voltou seu olhar para Marc novamente. “Minha intenção ao lhe contar tudo isso é que eu não esperava

Irmandade do Sangue 02

encontrá-la. Eu havia perdido a esperança. O que, eu suspeito, você está a beira de fazer. Meu conselho a você é que não desista."

"Vou tentar, meu amigo, mas eu não ousou esperar que o raio caia duas vezes no mesmo lugar. Você ter encontrado sua parceira depois de séculos de procura. Eu temo que minha busca ainda não terminou, mas minha paciência e vontade de prosseguir sozinho estão próximas desse ponto."

"Não desista, Marc. Ela está em algum lugar lá fora."

"Eu tinha esperança..." Marc hesitou, o que não característico dele.

"O quê?"

"Quando eu vi a amiga de sua esposa pela primeira vez, Kelly, tive esperança de que ela pudesse ser..." Marc se afastou, procurando pelo decantador de vinho com movimentos nada menos que graciosos. "Mas é uma esperança tola. Eu não teria tanta sorte."

"Marc, há algo que eu acho que você deveria saber."

O tom sombrio e tenso na voz de Atticus alertou Marc para a natureza séria do que seu amigo tinha para dizer.

"Você sabe que Lissa tem alguma habilidade psíquica," Atticus começou, parecendo inseguro sobre como dar a notícia. Marc ficou mais preocupado ainda. "Logo após nos casarmos, Lissa teve uma visão. Nós estávamos intimamente ligados na hora e eu na verdade vi também. Marc, a visão era sobre Kelly - coberta de sangue. Ela estava morrendo, e nós dois sentimos que não era um acidente. Ela estava em um perigo muito real."

Marc sentiu o nível de tensão dobrar, e dobrar novamente. Nada e ninguém ameaçaria Kelly. Ele garantiria isso.

"É uma das muitas razões que consideramos quando ela se mudou para cá, onde poderíamos vigiá-la," Atticus continuou enquanto Marc borbulhava. "Além do fato de que ela tinha conhecimento de nossa existência e teríamos que vigiá-la de qualquer maneira, Lissa esperava que mantê-la próxima nos ajudaria a protegê-la."

"Você deveria ter me contado de uma vez!" Marc explodiu, incapaz de segurar seu temperamento muito mais. Atticus não merecia todo o peso da sua explosão. Marc fez seu melhor para controlá-lo. "Eu espero saber no que sua parceira ver algo mais. A daqui em diante, eu mantere um olho em Kelly. Nada deve acontecer á ela. Você me ouviu?"

"Eu sei, velho amigo." Atticus olhou para ele com compaixão e tristeza. "Mas e se você for a ameaça? Marc, ela estava coberta de sangue e seu pescoço -" Atticus engoliu em seco enquanto seus olhos vidravam diante da memória. "Sua garganta estava rasgada como se um animal selvagem a tivesse atacado com os dentes. Lissa não reconheceu, mas eu já vi isso antes na minha vida."

"Alexandra," Marc disse, reconhecendo, caindo pesadamente em sua cadeira, a perda refletindo em cada linha de seu corpo. "Quando Viktor enlouqueceu e a destruiu. Eu me lembro também, meu amigo. Foi uma visão horrível, eu nunca esquecerei."

"Na visão, Kelly tinha as mesmas feridas, Marc. E havia muito sangue. Eu não vejo como podemos salvar sua vida se esse realmente for o destino dela. Mesmo transformá-la pode não salvá-la desse tipo de trauma."

Os homens ficaram em silêncio por um momento, perdidos em seus próprios pensamentos.

"Vamos mantê-la segura," Marc disse finalmente, o aço voltando á sua espinha mesmo que seu estômago ficasse tenso com a preocupação. "Entre nós, não conseguiremos manter a vigilância sobre ela. Se é essa sua suspeita e um de nossa irmandade irá atacá-la, não será durante o dia. E se nós dois a vigiarmos durante a noite, se mesmo um de nós é a ameaça, o outro poderá subjugá-lo."

Irmãdade do Sangue 02

"Eu já tenho parceira, Marc. Perdoe-me, mas eu não tenho motivos para atacar Kelly. Na verdade, sendo ela a melhor amiga da minha mulher, eu tenho todas as razões para protegê-la."

"Então você acredita que eu sou a ameaça" Marc observou Atticus, grato em saber que seu velho amigo falaria honestamente com ele após todos esses anos – mesmo sobre um assunto tão desagradável com esse.

"Eu acredito que você poderia ser. Você, ou qualquer um dos nossos irmãos."

Marc suspirou. "Então o problema continua. Para estar segura, ela teria que ter dois vigilantes o tempo todo."

"Ela não concordará com isso, Marc. Ela é tão teimosa quanto minha mulher. Talvez mais."

"Então não falaremos para ela. Mas a partir de agora, nós a cuidaremos. Sua esposa pode ajudar também. Kelly não ficará sozinha se nós pudermos evitar."

"E nós também temos monitores eletrônicos em todos os cômodos. Ela não sabe disso."

"Dieu! Eu também não sabia, Atticus. Desde quando você se tornou James Bond?"

Atticus riu. "Não tente me dizer que você não está tendo a sua casa monitorada de sons e imagens enquanto conversamos. Tenho certeza que você está atualizando tudo o que tinha ali para começar durante esta renovação. Você seria um tolo se não tivesse."

"Você me conhece bem," Marc concordou com um sorriso. "Tudo bem, eu presumo que você irá me deixar ver seu sistema de monitoramento?"

Atticus o surpreendeu ao jogar uma pequena caixa preta em sua direção. Era do tamanho de um antigo transistor de rádio e tinha botões parecidos.

"Eu pretendo contar com sua ajuda nisso tudo. Existe simplesmente muito tempo onde Lissa e eu estamos – ahãmmm – ocupados de outras maneiras. Nós precisamos de ajuda se queremos manter Kelly segura."

"Você quer dizer que enquanto você está desligado fazendo amor com sua esposa, Kelly está vulnerável." A boca de Marc se transformou numa linha sombria enquanto ele pensava nas ameaças invisíveis. "Vou ajudar nisso. Talvez Ian seja adequado para fazer turnos no monitoramento enquanto você e Lissa estejam *desligados*."

"Melhor ainda –" Atticus falou enquanto servia mais vinho para ambos, "– Dmitri estará na cidade por alguns dias. Eu o convidei para ficar aqui. Uma vez que ele estará perto e tem uma desculpa razoável para estar aqui, pediremos ajuda. Ele sempre foi um homem confiável. Quando ele for para casa, Ian pode assumir."

Capítulo Três

Professor Dmitri Belakov, professor de história e Mestre vampiro de seus próprios domínios no meio oeste, chegou poucos dias depois. Atticus, Lissa, Ian, Marc e Kelly – já que ela não podia ser deixada sem proteção, ainda que não tivesse idéia de que os homens estavam fazendo turnos vigiando-a – encontraram Dmitri em um jato particular não distante da vinha. Ele mesmo pilotava seu pequeno e caro jato permitindo-lhe viajar do centro do país até a Costa Oeste em questão de poucas horas.

Marc tinha que estar lá para cumprimentar seu amigo Mestre. A Irmandade era uma organização livre, mas eles gostavam de seguir a tradição. Quando um Mestre chega no território de outro era educado fazer saber de sua presença pelos canais oficiais. Mais do que isso, Dmitri e Marc eram velhos amigos. Eles viveram e trabalharam juntos em séculos passados, antes de se estabelecerem nos Estados Unidos e se tornarem Mestres de seus domínios.

Atticus e Ian tinha feito parte do antigo grupo também. Eles tiveram passaram alguns bons séculos circulando pela Europa e Oriente Médio, estabelecendo-se por décadas em diferentes cidades pelo caminho. Eles haviam se protegido um ao outro e dividido tanto prazer quanto perigo vezes demais para contar. Formaram fortes laços de amizade que nunca poderiam ser desfeitos.

“É bom te ver de novo, *mon ami*.” Marc cumprimentou com o costume tradicional europeu de dar dois beijos na bochecha.

“Era hora de visitar meus velhos amigos. É bom ser Mestre dos meus domínios, mas não há muitos de nossa espécie nas pradarias.” Os homens riram e então conduziram o recém chegado para encontrar Lissa e Kelly, que esperavam próximas aos carros.

Dmitri – mais para divertir Marc – fez brincadeiras sobre Lissa, irritando Atticus no processo. Era tudo parte do jogo entre antigos camaradas que já tinham brincado muitas vezes no passado. Claro, agora as coisas eram diferentes. Um do grupo deles havia encontrado sua parceira, e todos os outros estavam tanto felizes por ele quanto com ciúmes infernal. Uma mudança tão dramática merecia um pouco de inocentes provocações.

“*Enchante, madame*,” Dmitri sussurrou, levando a mão de Lissa aos lábios para um demorado beijo. Marc havia observado o perfeito charme eslavo do seu amigo por séculos, e não se doía por Dmitri ser agradável aos olhos. Mulheres haviam caído por seu olhar escuro por muito tempo, e Lissa parecia não ser exceção enquanto murmurava um cumprimento em retorno.

“Você vai com Marc no Lamborghini. Eu acho que estaremos melhor em casa onde poderemos relaxar.” Atticus fez um show ao tomar a mão de sua esposa na sua e aconchegá-la firmemente na curva de seu braço.

Atticus conduziu sua esposa para o carro, e Kelly se sentou no banco traseiro, mas Marc notou o olhar comprido que ela lançou ao carro esporte amarelo quando ela pensou que ele não estava olhando. Ele podia ver o quanto ela queria entrar nele, ou melhor, dirigi-lo, mas ela se negava esse prazer – negando-o também no processo.

O carro passou a representar algo maior. Ele veio a simbolizar a luta constante entre eles. Ele a tentava, e ela recusava. Ele flertava com ela, e ela o rejeitava. Ele a queria, e ela fingia não estar afetada, mas ele sabia que era só representação. A vitória verdadeira seria quando ela finalmente se rendesse e admitisse.

Não levou muito tempo para Dmitri perceber que havia algo acontecendo entre Marc e Kelly. Ele perguntou sobre isso durante a curta viagem até a vinha.

"Então quem é a garota?" A pergunta de Dmitri não era indesejável, mas Marc preferia não discutir os aspectos mais irritantes de sua relação com a deliciosa Kelly. Mesmo assim, ele entendeu o interesse de Dmitri em como Kelly se encaixava em seu pequeno grupo. Ele sabia que Lissa era a companheira de Atticus, mas Kelly não havia sido escolhida e ainda assim era parte do íntimo círculo. Marc deveria esperar aquela pergunta cedo ou tarde.

"Ela é a melhor amiga de Lissa. Ela teve a infeliz sorte de me ver alimentando de um homem que havia atacado Lissa antes dela vir morar com Atticus. Sua mente é muito forte para ser suficientemente apagada, considerando que Lissa se recusou a quebrar os laços com ela, ou qualquer uma das suas amigas mortais."

"Então você a está observando?"

"Ela está trabalhando para Atticus na vinha e sim, nós a estamos vigiando, mas por mais do que só seu conhecimento de nossa existência. Há uma complicação a mais que eu queria discutir com você antes de chegarmos á casa."

"Sou todo ouvidos."

"Lissa é levemente psíquica." Marc avaliou a reação de seu amigo ás notícias. "Ela teve uma visão de Kelly, coberta de sangue, sua garganta esfaqueada – mais como se fosse por um de nossa espécie."

"Eu devo!" Isso saiu um pouco mais enfaticamente do que Marc desejaria, mas Dmitri somente ergueu uma escura sobrançelha em sua direção. "Decidimos ter dois de nós com ela todo o tempo durante a noite. Atticus e Lissa são os mais improváveis para serem os responsáveis, por isso eles são os principais responsáveis por manter os olhos nela, mas eles também são recém casados..."

"Eu entendo." Dmitri concordou com um sorriso. "Não diga mais nada. Não será difícil ajudar a manter os olhos na adorável Kelly."

"Desde que seja somente os olhos. Ela é a melhor amiga de Lissa, e eu fui estritamente obrigado a manter minha mãos longe dela. Isso vale em dobro para você, meu amigo."

"Você? O grande Mestre? Recebendo ordens em seu próprio domínio. No que esse mundo se transformou?" Dmitri explodiu rindo como Marc havia previsto. Melhor tratar isso como motivo de gargalhadas, contanto que Dmitri entendesse o recado.

"Ria se quiser, mas você logo irá ver que Lissa tem dentes afiados quando se trata de suas amigas mortais, e Atticus irá fazer qualquer coisa que ela quiser. Uma vez que estou vivendo com eles enquanto minha casa está em reformas, não posso fazer outra coisa além de seguir as regras que eles colocam em sua casa. Eles deixaram Kelly terminantemente fora do cardápio."

"Um desperdício." Dmitri olhou pela janela para a paisagem. "Ela é uma bela mulher."

Marc sentiu a fúria crescer e fez seu melhor para reprimir a reação.

"Bonita, sim. Mas também além dos limites. *N'est-ce pas ?*"

"*Oui, mon ami.* Eu entendo e irei seguir seu desejo em seu território."

Na vinha, eles se reuniram na sala de estar enquanto Atticus servia um dos seus premiados vinhos. Kelly se sentia um pouco desconfortável por ser a única mortal na sala, mas Lissa havia pedido especificamente para ela ficar assim não seria a única mulher presente. Seis por meia dúzia, Kelly pensou, percebendo que as mulheres em geral se preocupavam demais sobre ser a diferente em qualquer situação.

Ela deu de ombros, aceitando o delicioso vinho e se sentando para ouvir o que prometia ser uma conversa fascinante. Kelly havia pensando muito sobre imortalidade desde o casamento de Lissa e sua subsequente transformação. Ela trabalhava na vinha por algum tempo e lidava diariamente com Atticus, Lissa e até mesmo Marc, mas nunca havia realmente tido a

Irmãdade do Sangue 02

oportunidade de somente observar Atticus conversando com seus amigos – especialmente não amigos tão antigos assim.

“Então o que o trouxe á Califórnia?” Atticus perguntou a Dmitri enquanto oferecia a ele uma taça de burgundy.

Dmitri franziu as sobrancelhas ao aceitar taça de cristal. “Minha casa foi vendida.”

“O quê?” Marc foi a primeira voz na confusão que tomou a sala.

“Eu achei inteligente manter minha fortaleza debaixo daquela velha casa de fazenda,” Dmitri disse com um traço de amargura. “Eu tinha um acordo com o fazendeiro e seus descendentes e ele funcionou por séculos, mas o último da linhagem nunca se casou e recentemente transferiu para o próximo herdeiro. Suas terras foram vendidas antes que eu pudesse agir. Malditos advogados.” O xingamento reverberou pelo copo enquanto Dmitri tomava um grande gole do delicioso vinho.

Atticus riu, chamando a atenção. “Agora, agora, Dmitri. Se bem me lembro você já brincou de ser advogado uma vez.”

“Aquilo foi há muito tempo atrás, Atticus, como você bem sabe. Sou um professor de História agora.”

“Então onde você estava que não soube dos acontecimentos até a venda acontecer?” Ian perguntou. “Eu pensei que a Universidade o mantivesse perto do seu território a maior parte do tempo.”

“Eu estava no período neste sabático, visitando amigos na Europa, supostamente pesquisando um livro sobre os Tudors.”

“Um bando de tarados, hein? Nada parecido com o insípido grupo atual,” Marc disse, o brilho da lembrança em seus olhos. Kelly ficou estarrecida ao pensar que esses homens puderam ter realmente conhecido aqueles reis e rainhas ingleses falecidos há tanto tempo.

“Você tem esse direito,” Dmitri disse, erguendo sua taça para Marc. “Ao Henrique.”

Os homens repetiram o brinde, e Kelly olhou espantada para Lissa, que parecia tão surpresa quanto. Lissa deu de ombros e ergueu sua taça também, se unindo no brinde enquanto Kelly fazia o mesmo.

“Ah, mas eu percebo que chocamos as damas. Perdoem-me.” Dmitri curvou sua cabeça ligeiramente na direção de Kelly e Lissa.

“Corta essa, Dmitri,” Marc castigou seu amigo. “Nós todos sabemos que você adora um choque de valores, É tão raro que possamos falar tão abertamente entre os mortais, ou recém convertidos.” Ele indicou Lissa. “Dmitri atualmente vende seu conhecimento do passado como um professor de História, se você pode acreditar nisso.”

“Eu estou escrevendo um livro sobre Henrique e seus descendentes para a Universidade, mas eu não preciso realmente pesquisar o assunto. Minha viagem foi mais por prazer do que qualquer outra coisa,” Dmitri esclareceu.

“Então você realmente conheceu Henrique Oitavo da Inglaterra?” Kelly perguntou, sentindo-se corajosa.

“Claro que ele o conheceu. Este tolo,” Marc apontou para Dmitri com sua taça, “foi enviado para a Inglaterra na esperança de casar com alguém da família. Só por que ele nasceu sobrinho do velho Ivan.”

“Que não era tão Terrível,” Ian e Atticus disseram em uníssono, impassíveis. Um momento depois todos os quatro homens explodiram numa gargalhada. Aparentemente era uma antiga piada entre eles.

Kelly sempre havia gostado de História e se ela se recordava corretamente, Ivan o Terrível havia sido coroado o primeiro Czar da Rússia aproximadamente ao mesmo tempo em que Henrique VIII morreu na Inglaterra. Era possível que ela estivesse falando sobre a realeza

Irmãdade do Sangue 02

Russa? A julgar pelo brilho nos olhos de Dmitri enquanto ele sustentava seu olhar, era mais do que possível. Era um fato.

“Eu só posso deduzir pelo charmoso olhar de espanto em sua linda face que você acabou de perceber o quão velho e decrépito eu realmente sou,” Dmitri disse, saudando-a.

O homem dificilmente seria decrépito. Ele era um gato. Lindo, feições aristocráticas, estonteante, olhos vívidos e um corpo musculoso que era todo másculo provavam que ele estava qualquer coisa menos decrépito, ainda que fosse muito, muito velho.

Kelly percebeu que todos a estavam olhando em expectativa. Ela não tinha idéia de como responder, mas tinha que dizer alguma coisa.

“Nenhuma das herdeiras Tudor o tiveram para marido, então você devia ainda ser... mortal... naquela época.” Ela quase disse “humano”, e ela sabia agora o quanto eles odiavam essa distinção.

“Ah. Você entendeu o centro da questão. Eu ainda era mortal quando fui para aquela ilha Real. Quando eu eventualmente retornei para a mãe Rússia, eu já não era. Mas isso é assunto para outro dia.” Dmitri terminou seu vinho e se levantou para se servir de mais.

“Então o que você fará a respeito de sua casa?” Marc perguntou, e Kelly ficou grata pela sua mudança de assunto.

Ela sem querer havia tocado em algum ponto doloroso. Ou talvez fosse muito particular para partilhar com estranhos. Ela não tinha certeza se a história de como alguém se tornava vampiro era um tabu ou não. Ela teria que perguntar a Atticus sobre isso na próxima vez que estivessem sozinhos. Ou melhor ainda, pediria á Lissa para que perguntasse ao seu marido.

Dmitri se acomodou confortavelmente em sua poltrona. “Eu não tenho escolha senão esperar e ver quem morará lá em cima, então avaliar meu próximo passo a partir daí. Não vou desistir de minha casa tão facilmente, mas se não houver outro modo, eu posso estar proximamente procurando um novo lugar para viver.”

“Não meio que... uh... calmo, viver no campo sozinho?” Lissa perguntou. Kelly tinha conversado com Lissa sobre a maneira como ela parecia saber de todos os tipos de coisas que não devia e ficou chocada ao saber que Lissa e seu marido compartilharam seus pensamentos. Parecia que Lissa estava mais uma vez usando os conhecimentos do seu esposo.

“Eu valorizo minha privacidade,” Dmitri respondeu num tom gentil. “Não há muitos de nós por aí e meu território é grande, menos populoso. Há muitos outros sobrenaturais porém, e portanto segurança é algo que não posso ignorar. Por isso que construí minha casa subterrânea. É pouco provável que alguém – seja transmorfo, fada ou mago – possa se esgueirar onde eu vivo. Eu gosto do arranjo, e não ficarei muito satisfeito se o novo proprietário se tornar um problema.”

Kelly não gostava de pensar na pobre pessoa que sem querer comprasse o covil do Mestre vampiro. Dmitri podia ser bonito e cortês na superfície, mas ela não tinha dúvidas que ele podia ser tão selvagem quanto Marc. Ela nunca esqueceria a visão das presas de Marc, vermelhas com sangue fresco enquanto ele as erguia do pescoço do homem.

Com certeza, o homem estava louco e havia tentado matar Lissa e Kelly momentos antes, mas ainda assim, foi uma rude introdução ao mundo sobrenatural. Kelly havia acabado de ter outra. A casual menção de Dmitri sobre “transmorfos, fadas e magos” a fizeram se perguntar exatamente o quê – ou quem – mais poderia estar por aí. Mas ela não iria perguntar. Não, ela já havia causado perturbação demais por uma noite.

Capítulo Quatro

Quando a festa terminou cerca de uma hora depois do amanhecer, Marc encontrou Kelly na varanda. Ainda era noite, as estrelas frias no céu escuro. Era o momento da noite que ele mais amava.

"Percebo que tivemos a mesma idéia." Ele falou num tom baixo para não abalar a quietude do pré-amanhecer, mas Kelly se assustou mesmo assim. Ele havia se esgueirado atrás dela de novo, mais para sua diversão. Ele amava o modo como ela engasgava quando a surpreendia.

"O que está fazendo aqui?"

Ele gostou da característica ofegante da voz dela. Isso o fazia pensar em coisas proibidas. Coisas que gostaria fazer com ela que foram colocadas totalmente fora dos limites por Atticus e Lissa. Marc seria um convidado infeliz se tirasse vantagem da hospitalidade deles - e de sua outra convidada - mas, oh!, como ele desejava poder esquecer seus princípios por alguns minutos. Só o suficiente para saber se os lábios de Kelly seriam tão doces quanto pareciam ser.

"Isso é jeito de falar com seu companheiro amante da noite?" Ele se moveu para ficar próximo a ela na parede com vista para tranqüila vinha á distância. "Você adora isso, não é? A escuridão que antecede o amanhecer. A hora silenciosa da noite se transformando em dia. Eu não significo perigo, Kelly. Certamente você sabe disso. Não tenha medo de mim."

"Não tenho medo de você, Marc, mas você me deixa desconfortável." Kelly voltou seu olhar para a vinha. "Respondendo sua pergunta, eu realmente amo essa hora da noite. Eu nunca percebi o quão bonita era antes. Eu estava sempre dormindo nessa hora, antes de eu vir trabalhar para Atticus."

"E seu mundo foi virado de cabeça para baixo pela descoberta do sobrenatural."

Ela suspirou, e ele desejou poder colocar seu braço em volta dela. O instinto de confortar essa confusa fêmea era diferente e nada parecido com qualquer coisa que ele tenha sentido em todos esses séculos.

"O que Dmitri quis dizer quando ele falou sobre 'transmorfos, encantados ou magos' essa noite?"

"Pegou aquilo, não foi?" Marc gostava da mente rápida dela. Era um dos mais atraentes aspectos de sua personalidade que ele havia apreciado durante esse tempo na casa de Atticus. "Somos apenas um dos muitos tipos de seres sobrenaturais que habitam este reino. Há criaturas transmorfos de todos os tipos, alguns seres encantados que ocasionalmente visitam ou alguns que até preferem esse mundo mortal ao seu próprio e muito poucos mortais que tem habilidades mágicas. Sua amiga Lissa tem um pouco de mágica dentro dela. Vocês chamam de habilidade psíquica, mas é na realidade a manifestação da magia mortal."

"Habilidade psíquica é mágica." Kelly repetiu suas palavras como se provasse seu sabor. "Huh. Mas ela não é uma mágica. Ela não consegue fazer um coelho surgir da cartola com um comando."

"É verdade, Lissa não parece ter controle sobre quando ou como ela recebe as visões, mas há alguns mortais que são muito hábeis em controlar sua magia interior e algumas pessoas talentosas, que pode tocar a magia de outros reinos."

"Isso é fascinante. Quando você diz criaturas transmorfos, você quer dizer lobisomens?"

As notas em conflito de medo e fascínio em sua voz tanto o divertiram quanto o alarmaram. "Lobos, falcões, gatos grandes, todos os tipos de predadores. Se um dia você encontrar qualquer um desses outros seres sobrenaturais, tenha muito cuidado, Kelly. Tal como

Irmandade do Sangue 02

nós, nem todos são bons, e a maioria tem regras rígidas de comportamento que não são nada parecido com o que você está acostumada no mundo mortal."

"Como assim?" Kelly o encarou sem um pinga da sua usual reserva. Marc gostou do modo que ela procurou sua opinião e fez perguntas. Essa foi, talvez, a primeira conversa de verdade que tinham tido desde que se conheceram. Ele gostou disso. Mais do que provavelmente teria gostado.

"Transmorfos vivem por regras arcaicas. Muitos são de espécies predadoras e como tal, seguem a hierarquia, por assim dizer. A maioria tem alfas que comandam o resto."

"Da mesma maneira que você é o Mestre sobre todos os outros vampiros nessa região?"

"Algo parecido, mas nossa Irmandade é mais flexível do que a hierarquia dos transmorfos. Nós escolhemos respeitar a vontade do Mestre onde quer que resolvamos morar. Os transmorfos tem bandos familiares, tribos e clãs, ditados pelas suas espécies e localização. Eles raramente se afastam de suas casas e dentro do grupo, a liderança é frequentemente escolhida baseada em batalhas sangrentas entre os alfas competidores. Muitas lutas são até a morte."

Ele podia ler a crescente inquietação no rosto de Kelly e sabia que era hora de mudar de assunto. Com todas as probabilidades, ela nunca viria a se cruzar com um transmorfo. Havia alguns na área, mas eles tendem a dar aos Bloodletters um amplo espaço.

"Nós não interagimos muito," Marc disse, tocando sua bochecha e atraindo o olhar dela para si. "Muitos dos seres sobrenaturais não convivem com outros. Poucos, se nenhum, convivem conosco em particular por causa do que o sangue deles faz com a gente."

"O que acontece?" Ele deixou cair a sua mão enquanto ela falava, mas estava contente de ter a sua total atenção. Apenas algumas horas antes, ela teria gritado ameaças por um toque tão simples, mas íntimo.

"Sangue transmorfo e mago são considerados iguarias. É raro que tenhamos a oportunidade de provar de qualquer um desses, a menos que a pessoa em questão, concorde. E eles raramente concordam." Ele abriu um sorriso, encantado quando ela devolveu o gesto. "Sangue encantado é muito forte para nós, de um modo geral. O poder que contém pode atuar como um veneno, mas a atração é grande. Mestiços-encantados, agora, já é outra história. A magia dos outros reinos que flui por meio do sangue Encantado está diluído o suficiente para podermos beber, mas é potente o suficiente para dar uma carga de poder que poucos de nós já experimentaram. É um efeito temporário, segundo a lenda, mas há rumores de ser a maior corrida que um imortal pode experimentar neste mundo. Mas os mestiços são ainda mais raros do que os magos ou transmorfos e eles são mais poderosos que qualquer um dos outros. A menos que eles estejam dispostos, por qualquer motivo, a partilhar o seu sangue, não há quase nenhuma chance de um de nós consiga provar esse tipo de poder."

"Você quer dizer encantados como fadas? Pequenas fadas como a Sininho?" O nariz de Kelly franzia do modo mais lindo quando ela ficava confusa. Marc tinha que resistir ao desejo de beijar a ponta sardenta.

"Na verdade, eles são bastante normais vendo por nossos olhos, ao menos como eles se manifestam neste mundo. Os meio-encantados são, é claro, também meio-humanos, então eles se parecem justamente como eu ou você, mas talvez mais bonitos do que uma pessoa comum. Há um glamour na magia deles que os faz muito atraentes visualmente."

"Isso é fascinante."

"Não, Kelly." Ele tomou seu rosto, incapaz de resistir ao apelo de sua presença por tanto tempo. Marc se aproximou, alinhando seu corpo ao dela. "Você é fascinante. Você é mais bela mortal que eu já encontrei em muitos anos - por dentro e por fora."

Ele inclinou a cabeça, dando um beijo casto em seu nariz arrebitado, como estava louco para fazer. Sua resposta trêmula o fez ousar mais. Puxando-a para seus braços, ele se abaixou mais, para beijar seus lábios como quisera fazer há semanas.

Ela era tão deliciosa quanto cada sonho que tivera desse momento. E ele passou bastante tempo sonhando com a deliciosa Kelly.

Conforme o beijo se aprofundava, assim acontecia com seu desejo. Ele nunca havia sido tão inflamado por uma mulher, tão devastado por um simples beijo. Ela tinha gosto de mel e vinho, uma rara combinação que tentava seus sentidos quase além da razão. Ela tinha gosto de vida.

A única coisa que poderia tornar esse momento melhor seria se ela o permitisse provar de sua essência... seu sangue.

Era muito cedo. Marc sabia do fundo sua alma, onde sua resistência havia enraizado em longos anos de paciência. Ele poderia tê-la, mas seria em outro lugar – longe da casa de seus amigos, onde ele não fosse obrigado a respeitar as regras que Atticus havia estabelecido.

Mas o sabor dela era divino. Marc perdeu a noção do tempo enquanto beijava a única mulher que o fizera se sentir tão atraído em mais anos do que conseguia contar. Ela se encaixava em seus braços como se tivesse sido desenhada exatamente para seu corpo. Ela clamava por seu domínio na maneira mais deliciosa e seus pequenos gemidos de prazer eram a coisa mais sexy que já tinha ouvido.

Só uma coisa poderia afastá-lo da sublime sensação do beijo dela...

O sol.

Enquanto os primeiros raios do amanhecer beijaram o céu, Marc soube que seu momento fora do tempo com Kelly chegava ao fim. Ele se afastou, o lamento preenchendo seu mundo.

"Eu não tenho sido tentado a ficar fora até tão tarde em muitos longos anos, mas estou feliz que minha primeira visão do nascer do sol em séculos tenha sido com você, *ma chérie*."

Os belos olhos azuis de Kelly mantiveram o olhar de alguém atordoado de prazer por mais uns preciosos momentos. Então a percepção de sua grave situação nublou sua expressão com preocupação.

"Entre, Marc!" Kelly tomou sua mão em sua muito menor e o puxou em direção á porta da casa. Ele foi de bom grado, perplexo e encantado que ela tentasse protegê-lo.

Sua reação o chocou. Ela na verdade parecia ansiosa em defendê-lo e querendo puxá-lo para dentro, seguindo próxima depois de bater a porta para a luz ameaçadora. Ela não parou de guiá-lo até que estivessem bem entre o corredor sem janelas que cercava o interior da casa que Atticus havia desenhado.

"Essa foi por pouco." Ela fechou a porta do corredor e se recostou nela. Sua pulsação batia forte em seu pescoço em reação. Marc não sabia o que fazer com ela, mas o visível pulsar de seu sangue contra a pele clara o deixava lambendo os lábios, faminto por prová-lo.

Ele se aproximou, cego por um momento pela fome que crescia dentro dele até que estivesse perto do incontrollável. Os olhos de Kelly se arregalaram de medo enquanto ele avançava sobre ela. Suas presas alongadas conforme a sede de sangue e instinto anularam sua sanidade.

Marc não tinha certeza do que teria feito se Dmitri não tivesse escolhido aquele momento para limpar sua garganta. Marc ergueu os olhos para procurar por Dmitri obsevando-o com olhos estreitos da outra ponta do longo corredor.

Um tenso minuto se passou enquanto Dmitri mantinha seu olhar, uma gritante sobranceira erguida. Finalmente, Marc se afastou. Isso estava errado. Ele via agora. Numa crise de paixão ele havia deixado seus impulsos controlarem seus melhores sentidos, mas oh!, havia sido tão sublime enquanto durou.

Irmãdade do Sangue 02

Marc recuou, para longe de Kelly. Ela tremia, o medo brilhando em seus belos olhos. Medo que ele havia colocado lá. Marc se sentiu o pior canalha.

"Je suis désolé, ma petite. Eu sinto muito." Com essas ultimas palavras sussurradas, ele se afastou mais colocando ainda mais distância entre ele e a tentação. Foi o sol nascente. Ele ainda podia sentir o sol enfraquecendo-o. Os poucos sugadores de sangue estariam logo se recolhendo, e a ameaça á Kelly diminuiria.

Acenando com a cabeça para Dmitri, Marc a deixou, percebendo com pesar que a única ameaça á ela naquela casa era ele mesmo.

Capítulo Cinco

Na noite seguinte, Dmitri encurralou Marc na biblioteca. Marc não estava acostumado a responder á ninguém em seu próprio território – exceto talvez seus mais chegados e antigos amigos – e Dmitri cabia naquela perfeitamente em ambas as descrições. Ainda assim, o irritava ter seus erros apontados por outros, e Marc suspeitava que Dmitri o havia procurado por essa razão.

“Estou partindo amanhã,” Dmitri disse, sentando-se em uma das poltronas de couro que ladeavam a ampla lareira.

“Tão rápido?” Marc fechou o livro que estivera folheando e o devolveu á prateleira antes de se sentar na poltrona oposta á de Dmitri em frente a lareira. “Eu achei que ficaria aqui por algumas semanas ao menos.”

“Eu também, mas eu acabei de receber a notícia de que o novo proprietário tomou posse da casa acima da minha. Quero saber exatamente quem ela é e porque estava tão interessada em comprar aquele lugar, pra começar. Não é um lugar espetacular, isso é garantido.” Dmitri observou Marc com firmeza. “Mas a questão é, você precisa que eu fique?”

“Se está se referindo ao que você interrompeu na noite passada, eu asseguro que eu posso lidar com a situação.”

“Não foi o que me pareceu, se me perdoa dizer isso.”

Marc enfureceu-se. “Eu não me importo com o que pareceu. Kelly não está em perigo comigo. Você deveria ir pra casa e cuidar de seu próprio lar. E me avise se eu for de alguma ajuda. Você sabe que estarei sempre aqui para ajudá-lo no que for preciso.”

“É muito estimado, Marc. E o mesmo vale para você. Atticus mencionou algo sobre um emergente chamado Gibson que pode te desafiar?”

A declaração foi feita em tom de pergunta, e Marc ficou grato por deixar o assunto Kelly e sua falta de controle na noite anterior morrer, para entrar na conversa sobre o vampiro sem importância que o incomodava. Normalmente Marc não teria lavado a roupa suja de seu território, mas era Dmitri afinal. Eles haviam sido amigos tempo suficiente. Ele poderiam discutir qualquer coisa. Bem, quase.

“Leonard Gibson é uma criatura tola, e eu me arrependo do dia que dei permissão para que vivesse em meu território. Eu deveria saber que ele se tornaria um problema no momento em que ele veio rastejando, procurando minha permissão para que construísse um abrigo por perto.”

“Então por que você permitiu?” O tom de Dmitri não era de julgamento, mas Marc vinha se fazendo a mesma pergunta por muito tempo e ele não gostava da resposta.

“Eu acho que me tornei complacente. A triste verdade é que, eu não me importei de um jeito ou de outro na hora. Eu percebo que deveria ter investigado Gibson completamente antes de conceder que colocasse um pé em meu território, mas essa percepção não me faz bem agora.”

“Então a questão se torna no que você fará a respeito dele?” Dmitri tinha uma maneira peculiar de ir no cerne do assunto.

“Eu acredito que ele irá me desafiar mais cedo ou mais tarde. Eu não acredito nele para uma luta justa, mas depois da noite passada... Bem, eu desconfio de mim mesmo e do meu controle, Dmitri. Francamente, estou cansado de ser o Mestre, mas Atticus recusou o cargo, assim como Ian, e eles são os únicos que eu confiaria tal poder entre aqueles da minha jurisdição.”

“Então você deve matar Gibson antes que ele tenha chance de matar você.”

A determinação de Marc endureceu. “Eu matarei.” Suas mãos se apertaram nos braços da poltrona. “Como eu disse, eu espero o desafio logo. Quando vier, estarei preparado.”

“Assim espero, meu amigo. Se você precisar de mim, tudo que tem que fazer é chamar. Terei muito prazer em ser seu auxiliar.”

Marc ficou tocado pela oferta. Não era algo para ser decidido levemente. Um compromisso de atuar como seu auxiliar em um desafio formal era uma responsabilidade muito grande. Essencialmente, Dmitri tinha apenas oferecido colocar sua vida na frente de Marc – algo que fizeram algumas vezes em muitos anos de amizade, mas não recentemente. Era bom saber que os laços da Irmandade continuavam fortes entre eles.

“Então agora voltemos ao assunto de Kelly.”

“Eu preferia que não. Ela está me deixando louco, mas eu não posso tê-la. Fim da história.”

“Talvez não.” Dmitri lançou a ele um olhar que falava de travessuras. Marc se lembrava daquele olhar. Ele havia sido o prefácio de tempos selvagens no passado e sempre significou problemas e prazeres em iguais medidas.

“O que você tem em mente?”

“Bem, se você não pode tê-la fisicamente, talvez possa tê-la de outra maneira.”

“Tipo?”

O sorriso de Dmitri se tornou diabólico. “Você está a fim de um pequeno passeio pelos sonhos?”

Marc quis negar a tentação, mas sabia que não era forte o suficiente. Um mestre, ele tinha muitos dons tanto físicos quanto psíquicos mas andar pelos sonhos era algo que Dmitri havia transformado numa arte pelos anos. Ele sempre foi fascinado pelos sonhos e dormia mais leve do que qualquer outro da Irmandade deles. Durante as horas do dia ele freqüentemente se divertia ao se insinuar nos sonhos dos mortais, se ele pudesse encontrar algum dormindo durante o dia. Marc sabia que ele encontrava diversão mas também suspeitava que era uma maneira que ele achou de ainda ver o sol – nos sonhos de outras pessoas.

Dmitri já havia levado Marc com ele em suas aventuras antes. Invariavelmente, ele levava seus sonhadores mortais a reviver algumas férias em uma praia ensolarada ou até mesmo um simples jogo de bola numa manhã de sábado ensolarada no parque. Marc não podia dizer que não havia curtido aquelas fantasmagóricas incursões no mundo iluminado dos mortais. Essas lembranças eram preciosas para ele nesses dias.

“Você está propondo invadir os sonhos do Kelly?”

“Veja bem, não seria uma invasão tanto quanto uma indução. Eu vi o modo que ela olhou para você. Ela está atraída, mesmo que não queira estar. Eu acho que ela pode realmente deixar acontecer, se acreditar que é somente um sonho.”

“Você estaria lá também?”

“Mas é claro, meu amigo. Eu sou melhor nisso do que você e nós *já* compartilhamos as mulheres antes.”

“Kelly é diferente.” Marc forçou as palavras entre os dentes. Ele não queria mostrar nenhuma vulnerabilidade no que dizia respeito à mulher mortal, mas Dmitri o conhecia bem. Sem dúvida ele já havia visto o quão profundas as emoções de Marc eram em relação à pequena humana.

“Ela é. Muito especial. Ela é uma amiga da nossa espécie e uma boa mulher. Nada a ver com as garotas que já usamos na cama.” Dmitri se aproximou, sua voz sedutora. “Eu gosto dela também, Marc. Não será difícil dar prazer à ela, mesmo em sonho. Ela irá aproveitar e não terá idéia de que estaremos realmente dividindo espaço no plano dos sonhos. Nós a trataremos bem, Marc. Como nos velhos tempos. Não – *melhor* do que nos velhos tempos.”

Marc pensou a respeito. A toda era tentadora. Ele já havia compartilhado mulheres tanto com Atticus quanto com Dmitri nos velhos tempos. Eles se divertiam encontrando novas formas de dar prazer às suas presas enquanto bebiam delas fisicamente e psiquicamente. Eles haviam sido criativos nos seus primeiros anos como irmãos de sangue.

Mas já não faziam isso há muito tempo. Atticus estava casado agora e nunca se juntaria às suas orgias novamente. Dmitri era um Mestre em seu próprio direito e eles não se viam mais com tanta frequência. Esta era uma rara oportunidade de fazer algo que era tanto proibido quanto totalmente atrativo. Dmitri poderia caminhar nos sonhos de Kelly facilmente e Marc poderia fazer amor com ela sem que ela nunca soubesse que ao menos parcialmente real.

Ele poderia até dar à ela uma experiência sexual que ela nunca teria no mundo real. Detestando admitir, ele havia notado o modo como os olhos dela seguiram Dmitri. Ela ficou intrigada por ele e Marc apostava que não se oporia a aceitá-lo em sua cama se achasse que era apenas um sonho.

"Tudo bem. Estou dentro." A declaração ousada de Marc fez Dmitri sorrir. "Quando faremos?"

"Nada melhor do que agora. Eu a pegarei quando ela deslizar para o sono mais profundo e então o trago pra dentro. Você se lembra como?"

"É claro. Nós costumávamos fazer isso com bastante frequência. Estarei esperando pelo seu sinal."

Dmitri estendeu sua mão para selar o acordo. "Exatamente como nos velhos tempos, *mon frere*?"

"*Oui*. Só que melhor. Eu acho que Kelly irá nos surpreender uma vez que entremos nos seus sonhos."

Depois do amanhecer, Kelly deu um suspiro. Todos os vampiros haviam se recolhido e ela ficou sozinha na grande mansão. Surpreendentemente, ela se sentia solitária quando Lissa e os homens não estavam por perto.

Ela levou uma xícara de chá para o deque enquanto o sol surgia na névoa da manhã, dando tempo para que pudesse organizar seus pensamentos confusos. Marc LaTour estava em sua mente, como de costume ultimamente. O homem era tão irritante, tão bonito, tão amaldiçoadamente sexy! Ela tinha um problema um problema real em lidar com ele. Não sentia medo dele fisicamente. Duvidava que ele tivesse machucado alguma mulher deliberadamente. Mas temia por seu coração.

Ele era imortal e ela sabia que as chances de ser a Escolhida dele, como Lissa era a de Atticus, era próxima de zero. Esse tipo de coisa só acontecia em contos de fadas. Então qualquer coisa entre eles só podia levá-los a uma tragédia. Seria sábio ficar tão longe de Marc quanto possível, mas seu coração traiçoeiro não deixava.

Ela suspirou pesadamente enquanto retornava para o interior da casa, limpava a pequena bagunça que havia deixado na cozinha e subia as escadas para seu quarto. Ela teria algumas horas de sono agora, e então se levantaria à tarde para lidar com qualquer assunto que tivesse que resolver do Vinhedo Maxwell durante o dia. No início da noite, ela estaria de novo com seus amigos e mais uma vez o perigo da tentação de Marc a cada respiração de seu corpo sexy e cada flash de seus olhos astutos. A combinação de perfeição muscular masculina e sagacidade inegável era sua perdição.

Kelly assegurou-se de que a casa estava segura, e então subiu as escadas. Vestiu sua camisola, e se deitou sobre o colchão macio. Seu quarto era quase maior do que seu antigo apartamento inteiro, e era certamente decorado com muito mais estilo, sem mencionar os móveis caro. Era lindo e ela amava a grande e macia cama com suas mantas de seda.

Cada um dos quartos de hóspedes e suítes tinha uma cor tema. Este era lilá pálido e rapidamente se tornou uma de suas cores favoritas. O banheiro anexo era enorme e decorado num tom azul pálido. Ela poderia se acostumar a viver assim, se apenas Marc voltasse para sua própria casa.

Se ele não estivesse sempre nos seus calcanhares, sua vida seria muito mais simples. Ela estava vivendo e trabalhando com uma de suas melhores amigas e o marido de Lissa era inteiramente devotado á sua esposa. Era prazeroso observá-los juntos e ver o amor que Lissa havia encontrado. Kelly queria aquilo também. Ela queria um homem que a olhasse do modo que Atticus olhava para Lissa, mas duvidava que seria tão abençoada.

Kelly adormeceu pensando em seus amigos e o amor deles, se apegando á espera de um amor para si mesma. Talvez fosse por isso que a primeira face que encontrou em seus sonhos fosse de Marc. Ele era tudo que ela queria num homem, mas não era para ela. Imortal e impossível, isso nunca poderia funcionar para eles.

"Já era tempo de você aparecer." Marc a encontrou com um sorriso torto. "Nós estamos esperando por horas."

"Nós?"

Marc se moveu para o lado e ela viu Dmitri lá, encostado contra um pilar no estranho sonho. Eles estavam numa clareira na floresta, á luz do sol. Isso tinha que ser um sonho. Nenhum dos homens podia ficar ao sol.

As árvores os rodeavam, vívidas. Quatro pilares em estilo Grego ladeavam uma cama gigante onde estava penduradas cortinas de seda branca. Era como algo saído de um filme antigo da Disney, só que com tons muito mais maliciosos.

Dmitri se aproximou de Marc. "Gostou da decoração?" Ele apontou casualmente para as árvores com um educado levantar de uma sobrancelha.

"É lindo. Me faz lembrar de um filme que assisti uma vez, mas sem os lobisomens." Ela riu, gostando do som ambiente da floresta que a rodeava.

"Você quer um lobisomem?" Marc pareceu escandalizado.

"Sem problemas." Dmitri moveu uma mão e um rugido soou pela floresta, enviando arrepios pela coluna dela.

Um momento depois, um lobo gigante entrou na clareira. Kelly ficou paralisada no lugar, embora seu primeiro instinto fosse correr para perto de Marc e se agarrar a ele para se proteger. O lobo começou a mudar e de um momento para o outro tinha ido embora e em seu lugar estava um homem. Um homem muito musculoso, muito bonito, e muito... nu.

"Quem é ele?" A voz pergunta em tom baixo de Marc era dirigida a Dmitri, mas Kelly o ouviu.

"O alfa de uma matilha de lobos que vive próximo a mim. Ele na realidade não é um cara mau, uma vez que você o conheça, mas ele não está realmente aqui. É só decoração."

"Você está dizendo que lobisomens realmente existem." Kelly se voltou para Marc, procurando por respostas.

"Ah, *ma cherie*, você não sabia?" Marc deu um passo em direção á ela e tocou sua face, acariciando sua face com dedos gentis enquanto seu olhar a capturava. "Existem homens-lobo, homens-gato, homens-águia. Todo tipo de espíritos predadores dividem suas almas com os homens e mulheres nesse planeta."

"Isso é muito bizarro."

"Você não gosta dele?" Dmitri perguntou, reclamando sua atenção. "Sem problema." Moveu a mão novamente e o homem-lobo nu desapareceu.

Capítulo Seis

“Como você faz isso? Como acabou de fazer isso?” Ela olhou de onde o homem-lobo estivera para Dmitri e de volta, mas Dmitri somente ergueu aquela sobrancelha aristocrática dele e disse algo para Marc em francês que foi muito rápido para entender.

Um momento depois, as mãos de Marc envolveram sua cintura por trás e seus lábios tocaram o lado do seu pescoço. Tremores percorreram seu corpo ao seu repentino, surpreendente e absolutamente devastador movimento. Ele estava quente contra suas costas, suas mãos cobrindo sua cintura com as palmas abertas para cobrir tanta pele quanto possível e de repente ela percebeu que sua camisola de algodão havia se transformado em algo muito mais pecaminoso.

Uma camisola de seda que ia do chão até pouco abaixo dos seus seios. Era aberta na frente, alargando-se no meio do seu peito, deixando sua pele exposta exceto por uma pequena tanga que mal cobria o ponto entre suas pernas que estava se tornando cada vez mais úmido. As mãos de Marc seguiram para baixo, provocando com o elástico de sua calcinha, cobrindo sua barriga e fazendo pequenas fagulhas de excitação explodirem dentro dela. Ela se derreteu contra ele.

“O que está acontecendo? Marc?”

“*Ssh, ma petite*. Deixe-nos cuidar de você.” A mão dele mergulhou mais abaixo, sob a tanga e por entre os cachos úmidos no vértice de suas coxas. Ela levantou os quadris, convidando-o a se aprofundar. “Boa garota,” ele sussurrou em seu ouvido. “Posso sentir o quanto me quer. Quase tanto quanto eu a quero.”

“Você estava certo, Marc, ela é bela.” Dmitri parou em frente à ela e observou tudo com aqueles seus olhos escuros agitados.

Ele deu um passo à frente, só alguns milímetros distante dela, e colocou uma mão em seu ombro. O toque dele era quente e experiente enquanto ele acariciava com um dedo sob a tira fina de sua camisola.

“A pele dele é fina como a seda,” Ele comentou com Marc.

“E quente como o pecado,” Marc concordou detrás dela.

O modo como falavam sobre ela a fez se sentir mais quente. Não fazia sentido para ela. Ela nunca havia gostado de ouvir que falassem como se ela fosse um objeto, e ela nunca havia estado numa situação íntima com mais de um homem no quarto. Ambas as coisas, agora a estavam fazendo se contorcer, e não de raiva, medo ou humilhação. Não, sua reação estava distante disso. Se ela fosse honesta, ela admitiria que estava na realidade gostando disso.

“Nós vamos fazer você se sentir muito bem,” Dmitri ronronou enquanto baixava a tira que ele acariciava pelo ombro dela.

Marc se abaixou atrás dela, reposicionando suas mãos para acariciar as pernas dela. Mas a saia da camisola estava no caminho. Um puxão e um rasgo barulhento a fizeram suspirar enquanto ele rasgava a saia fora, deixando-a apenas com a parte de cima e a pequena tanga.

As palmas das mãos dele tomaram a forma do traseiro dela, mergulhando entres a fina tira de elástico que era a parte detrás de sua calcinha. Ela sentiu outro puxão e então dois mais em cada lado do quadril e a tanga não existia mais.

As presas de Marc arranharam ao longo da pele do seu traseiro enquanto Dmitri tinha pouco trabalho com o que restou da parte superior. Ela olhou dentro dos olhos de Dmitri enquanto ele arrebatava as tirinhas como se fossem de papel, e a acalmou.

“Você é linda, *ma petite*, mas suspeito que queira o francês, *n'est-ce pas?*” Ele se inclinou com um sorriso que provocaria um ataque cardíaco e deu um gentil e casto beijo em seus lábios.

Dmitri se afastou enquanto Marc se levantou detrás dela, lambendo suas costas no processo. Ela estremeceu enquanto ele se afastava, tomando-a pelas mãos e a guiando por alguns passos até a cama com pilares.

Ele a girou como se estivessem dançando uma valsa, então a puxou para si e eles ficaram face a face, peito com peito. Os dois homens usavam calças e camisas escuras. Quando ela olhou para Marc, desejou que a camisa desaparecesse. Não queria nada entre a pele dela e a dele.

Ela puxou a seda da camisa dele, e um segundo depois tinha sumido. Desapareceu feito mágica. Ela ergueu o olhar para encontrar os olhos divertidos de Marc.

“É um sonho, afinal, *mon amour*. Qualquer coisa que desejar, você a terá.”

A lembrança de que tudo isso era apenas um sonho a tornou ousada. Ela se pôs na ponta dos pés.

“Eu quero você, Marc.” Ela se esticou e o beijou dessa vez, colando seus lábios aos dele enquanto seus seios roçavam contra o peito músculos dele. Era o paraíso. Melhor do que ela havia esperado. Mas não era suficiente.

E por mais que ela tentasse ter o controle, Marc mesmo em seu sonho, parecia dominar. A língua dele duelava com a dela do modo mais delicioso enquanto suas mãos vagavam pelo seu corpo. As calças dele desapareceram tão facilmente quanto sua camisa e ela sentiu a evidência da sua excitação contra sua pele. Ele era maior do que ela imaginava e estava muito, muito duro.

Ela gostava disso.

Marc interrompeu o beijo com alguma relutância, somente para olhar para ela com fogo nos olhos. Ele moldou seus seios nus com as mãos, acariciando os mamilos rijos até apertá-los com excitação enquanto murmurava palavras de amor em sua língua nativa. Ela não tinha certeza do que exatamente ele dizia, mas soava divino.

Uma presença quente em suas costas a assustou até que ela se lembrou que Dmitri estava em seu sonho também. As mãos dele moveram-se até seu quadril, uma na frente e outra atrás enquanto Marc baixava a cabeça para tocar seus seios. Os dedos de Dmitri a invadiram pela frente e por trás, um deslizando por seu sexo e a penetrando levemente, enquanto a outra passeava pela fenda de seu traseiro, fazendo cócegas e provocando.

“Ela está molhada por nossa causa, Marc.” A voz de Dmitri soou sobre os sentidos dela.

O sotaque dele era sexy e somado á boca de Marc aquecendo seus mamilos, a ousadia proibida de ter dois homens tocando-a de uma só vez a excitava como nunca tinha acontecido antes. Ela ouvia coisas. Ela até lera alguns romances onde a dominação feminina era tratada com esse tipo de fetiche, mas ela nunca quis esse tipo de coisa pra si mesma. Ela nunca iria. Mas isso era um sonho. Era a maneira da mente trabalhar as coisas e experimentar coisas que nunca aconteceriam na vida real.

Este sonho era o modo dela lidar com o fato de achar Marc praticamente irresistível na vida real. Ela nunca o teria de verdade, então o sonho era sua compensação. Ela deveria achar Dmitri muito atraente também, ainda que não tivesse tido a mesma atração instantânea. Mas ele era amigo íntimo de Marc, e ela tinha lido aqueles livros... devia ser por isso que ele estava em sonho também.

Todos os pensamentos de justificativas se desvaneceram quando Dmitri empurrou seus dedos mais fundo dentro dela – tanto na frente quanto atrás. Ela nunca sentiu nada como *aquilo* antes. Ela gritou quando ele a tomou de surpresa, e Marc ergueu a cabeça para brindá-la com um sorriso experiente.

“Gostou? Você pode ter isso conosco essa noite. Nós vamos dar tudo que você quiser, *ma petite*. Eu vou preencher sua vagina enquanto meu velho amigo toma seu traseiro. Você gostaria disso?” Seu olhar a desafiava. “Eu sei que nós adoráramos isso.”

Lentamente, ela concordou com a cabeça. Ela queria dar tudo a ele. E ela queria mais daquela sensação gloriosa.

"Bon. Na cama, Kelly." A ordem dele a fez pular enquanto Dmitri retirava seus dedos de dentro dela.

Ela hesitou, e Marc a empurrou gentilmente para trás, para cima da cama. Ele a seguiu na queda, ficando por cima dela do modo que ela havia imaginado por semanas. Ela havia pensado mais e mais sobre como seria ser coberta por seu corpo firme, sobrepujada por sua força e isso era melhor do que ela havia sonhado.

Quando ela estava deitada de costas, Marc a segurou lá, deixando-a sentir o modo como ele se encaixava sobre ela, deixando-a sentir somente um pouco do seu peso enquanto a encarava. Havia algo em seus olhos que a fazia tremer, mas não era de medo.

"Você é minha, Kelly. Você ouviu? Minha."

Ela fez que sim com cabeça, incapaz de falar enquanto ele baixava a cabeça. Ele a beijou como fosse a primeira vez, começando com uma gentil posse que se transformou numa exigência sensual. Ele colocou suas pernas ao lado do corpo dela enquanto sua boca a tomava completamente a dela. Suas mãos estavam nos seios dela, puxando e brincando, a levando às alturas. Então mais mãos iniciaram uma trilha ardente de calor e sedução pelas suas pernas acima, uma de cada vez.

Dmitri. Ela havia quase esquecido dele. Ela se assustou e Marc interrompeu o entorpecente beijo, olhando seu corpo nu. Ele apenas sorriu quando Dmitri olhou para cima e piscou para ela. Eles estavam trabalhando em conjunto.

"Vocês já fizeram isso antes?" ela praticamente gritou.

Dmitri parou. "Não muito recentemente," ele finalmente admitiu.

"Nós já compartilhamos as mulheres antes, *ma petite*, mas isso foi há muito tempo atrás. Nenhuma mulher mexeu com nenhum de nós em muito tempo." Ele se inclinou para beijar a elevação do seio dela. "Você é especial, Kelly."

A confissão deles teve o efeito oposto ao que ela havia previsto. Pensar nas coisas pecaminosas que eles fizeram no passado com outras mulheres a deixaram em chamas.

"Você gosta disso, não gosta, pequena? O fato de que você levar dois Mestres a uma coisa que eles não fazem há décadas?" Dmitri perguntou. Ele estava observando-a quando ela olhou para seus pés e encontrou seu olhar.

Ela não podia negar. Pela primeira vez na vida se sentia poderosa e feminina. Marc a queria. E mais do que isso, Dmitri também. Ela tinha a impressão de que eles queriam a *ela* especificamente, não somente um corpo feminino. Ao que sabia nenhum homem a havia querido daquela maneira. A maioria dos homens que conheceu – e não haviam sido muitos – a deixaram com a impressão de que eles somente queriam uma namorada, e qualquer mulher serviria.

Nenhum deles havia estado tão focado nela quanto esses dois homens. Vampiros. Eles eram vampiros e ela tinha que se lembrar disso.

E isso era um sonho. A idéia a deixou triste, mas também lhe deu liberdade. Este era seu sonho, então ela supostamente poderia ter tudo que quisesse. Ela não queria aceitar passivamente. Se ela iria ter esse sonho ménage, ela queria ser uma participante ativa.

Ela se sentou, Marc se movendo para o lado para dar-lhe mais espaço, mas não se afastou muito.

"Eu posso realmente ter vocês dois, não posso?" Ela olhou de uma face bonita para outra.

"É para isso que estamos aqui, *petite*." Dmitri concordou prontamente.

Ela sentiu um sorriso florescer em seu rosto enquanto seus pensamentos se tornavam lascivos. Não havia outra palavra para o modo como eles a faziam se sentir. Dois nus e fortes

corpos masculinos, dois poderosos homens com sua atenção voltada somente para ela. Era realmente um sonho se tornando realidade.

Ela se lançou nos braços de Marc, tocando sua orelha com o nariz. Ela o sentiu se surpreender, mas o choque não durou muito tempo.

“Faça amor comigo, Marc. Já esperei muito tempo.”

“Seu desejo é uma ordem.” Marc a deixou empurrá-lo de costas na cama enquanto se colocava sobre ele.

Ela não queria esperar mais. Ela o queria agora. E Dmitri.

“Você também,” ela sussurrou, olhando por sobre o ombro para o russo de olhos escuros.

O fogo ardeu no olhar dele enquanto observava ela subir sobre Marc, tomando sua ereção. Ela voltou sua atenção para Marc, beijando seu rosto enquanto ele tomava seus seios.

“Eu te quero há tanto tempo, Marc.”

Ela recuou, prendendo seu olhar enquanto deslizava sobre ele, guiando seu membro para dentro dela com um longo e prazeroso deslizar de seus quadris. Ele era melhor do que ela imaginou, mas ela tinha que se mover. Ela começou num ritmo lento e sexy, que foi aumentando conforme sua respiração acelerava.

Ele não ficou imune. As pupilas de Marc se dilatam e sua respiração se tornou mais rápida. Seu rosto estava suado e seus dentes... ela se assustou ao ver as presas surgirem de sua boca. Ela não havia visto ele daquela forma desde aquela estranha noite em que ela e Lissa haviam sido atacadas, e ele viera em seu resgate. Não havia medo dessa vez, no entanto. Desta vez, ela sabia que suas presas estavam estimuladas pela paixão, não raiva. Ela sabia que elas não eram ameaças dessa vez, e não sentiu medo.

Ela sentiu outras presas mordiscando seu ombro, e então acima até seu pescoço enquanto Dmitri empurrava contra suas costas, pedindo sem palavras para que se inclinasse para frente. As mãos de Marc alcançaram seu traseiro, apertando, acariciando, abrindo-a.

Dmitri se colocou por trás dela e ela sentiu um tipo de óleo quente que havia aparecido do nada em seu sonho. Ele escorreu entre suas nádegas enquanto os dedos de Dmitri ajudavam as gotas a encontrar seu caminho para dentro dela. Alguns momentos depois, foi seu membro. Estava escorregadio com o mesmo tipo de óleo, mas foi um desafio recebê-lo.

Seu corpo relaxou sob seus cuidados experientes, e ele tomou completamente seu traseiro enquanto Marc preenchia seu sexo. Ter ambos dentro de si de uma só vez era fascinante. Era completamente satisfatório e incrivelmente excitante. Era a coisa mais devassa que ela já havia feito, de longe, e isso mexia com seus sentidos.

É claro, olhara para baixo e ver Marc sob seu corpo por si só já era excitante. O sorriso dele quando sentiu Dmitri escorregar totalmente para dentro dela era só o combustível para o fogo que já ardia dentro do seu corpo. Ela gemeu quando eles começaram a se mover juntos como se tivessem feito isso muitas vezes antes.

E eles tinham. Ela tinha certeza disso. Eles haviam dito a ela. Mas também haviam dito que nenhuma outra mulher os havia feito desejar repetir em décadas. Estranhamente, isso a fez se sentir especial e quase... amada.

O olhar de Marc apenas se juntou aquele sentimento. Ele era cuidadoso com ela. Controlava as estocas dos dois Mestres, coordenando o prazer dela conforme sua paixão crescia mais e mais. Ela nunca havia se sentido assim antes com nenhum outro homem, nunca tinha tido um sonho tão cintilante. Nunca.

Ela gritou quando alcançou o êxtase. Nublou sua visão na verdade, e os homens continuavam a se mover dentro dela, levando-a além. Quando um novo êxtase se aproximava, ela sentiu Dmitri pressionar suas costas, empurrando-a para baixo. Marc ergueu a cabeça e a aninhou em seu pescoço enquanto Dmitri tocava do outro lado.

Quando um orgasmo mais forte ainda se aproximava, ela sentiu as presas de ambos contra sua garganta, um de cada lado. Eles morderam simultaneamente, lançando-a em um dos maiores prazeres que já havia sentido.

As mordidas não machucaram. Apenas uma picada rápida e então o calor carnal tomou conta do seu ser, balançando seu mundo e fazendo-a gritar. Ela sentiu ambos gozarem dentro dela, explodindo em calor e gemidos de satisfação masculinas que ressoaram contra a pele de sua garganta enquanto eles continuavam a se alimentar.

Ela se sentia como uma deusa, uma doadora de vida. Queria fazê-los se sentir bem e saciados. Queria que sentissem o amor em seu coração. Ou melhor – ela queria que Marc sentisse o amor que sentia só por ele, a vontade de seguir para onde quer que ele guiasse, até mesmo um ménage com seu melhor amigo, Dmitri.

Ela gosta de Dmitri, mas ela amava Marc. Era tanto a mais satisfatória quanto a mais assustadora percepção que ela já tivera.

“Eu te amo, Marc,” ela sussurrou quando a inconsciência do sono a chamava. Era somente um sonho, então ela podia dizer o que ia em seu coração sem medo das consequências. Nesse momento, na privacidade de sua mente, ela podia falar livremente, sabendo que nunca poderia fazê-lo na vida real.

Ela sentiu os braços dele se apertarem em sua volta quando ela se afastava, satisfeita como nunca, seu corpo e alma vibrando com o brilho da satisfação final.

Capítulo Sete

Marc ouviu as palavras dela e elas o tiraram do estado de sonho. Ele acordou abruptamente em seu quarto no subsolo, completamente fraco como ficava durante as horas do dia, mas ele se lembrava de tudo que havia partilhado no sonho.

Kelly havia dito que o amava.

Não ousara ter esperanças de que ela nutrisse sentimentos por ele, mas agora que havia ouvido as palavras tocantes dos lábios dela – mesmo que em sonho – ficou com medo pela primeira vez em muitos longos anos. Ele não queria o amor de uma mulher mortal. Realmente não queria se envolver com uma criatura que poderia envelhecer e morrer, e deixá-lo sozinho de novo. Havia feito isso no passado, e a cada vez perdeu um pedaço do seu coração. Havia evitado envolvimento emocional por décadas e ainda que Kelly o tenha atraído como nenhuma outra, ele poderia evitá-la também.

Se pudesse.

Marc era honesto o suficiente consigo mesmo para saber que a atração entre eles poderia ser impossível de ignorar, mas faria o seu melhor. Havia realizado uma fantasia. Havia invadido o sonho dela e a tomado como um selvagem com a ajuda de Dmitri. Isso o contentaria por um tempo. Deste momento em diante, ele evitaria ficar só com ela o máximo possível. Seria o melhor para os dois.

Marc estava decidido, mas algo no fundo da sua mente o fazia se perguntar quanto tempo ele se seguraria. Kelly o atraía como nenhuma outra. Ele faria o possível para se manter afastado, mas temia ser muito fraco para agüentar por muito tempo. Ainda assim, teria que tentar. Pelo bem dela, e de si próprio.

Dmitri retornou ao seu território naquela noite, e Marc fez o que pôde para evitar Kelly. E juntou-se a Ian na tarefa de vigiar a mulher, preferindo cuidar dos monitores que a espiavam enquanto ela não sabia da existência deles.

Ele atormentou-se ao observá-la trabalhando sozinha no grande escritório enquanto Atticus e Lissa estavam fora, com seus jogos de amantes. Ian era uma presença constante, chato, mas fiel, fazendo o trabalho que Marc havia pedido a ele para proteger Kelly. Como uma sombra silenciosa, a presença furtiva de Ian agiu como um controle aos impulsos quase incontroláveis de Marc. Tudo nele queria ir até ela e tomá-la de verdade, mas ele era um ser civilizado – na maior parte do tempo.

Ele ao menos poderia ser civilizado a respeito disso. Ele era um convidado na casa de Atticus. Teria que seguir as regras dele. E faria qualquer coisa para proteger Kelly do destino terrível que Lissa previra, mesmo que isso significasse afastar-se totalmente dela.

Ele limitou o tempo passado na presença de Kelly. Notara o estranho olhar dela nas poucas vezes que ficaram cara a cara. Era tanto acusador quanto magoado, uma combinação que lhe cortava o coração. Cada vez que pensava nisso, ele percebia que o caminho mais sábio era o único em que já se encontrava – não importando se ela compreendia sua súbita retração ou não.

Depois de um tempo, ela se acostumou a nova distensão. A vida seguiu como de costume, com Kelly habilmente gerenciando o escritório da vinha para Atticus e até pegando algumas mensagens para Marc quando alguém ligava para a vinha procurando por ele.

Então não foi grande surpresa quando ela entregou uma mensagem para ele logo após ele subir para a noite. Atticus o havia chamado para uma conversa particular em seu escritório e Kelly os seguiu até lá, obstinada em sua tarefa de entregar a mensagem.

Irmandade do Sangue 02

“Um homem chamado Leonard Gibson está tentando encontrá-lo. Ele pediu á sua secretária particular para agendar uma reunião com você o mais cedo possível.”

Atticus olhou para Marc e ergueu uma sobrancelha expressivamente. “Parece que ele resolveu encará-lo frente á frente.”

“Maldição!”

Kelly ficou um pouco surpresa com o tom veemente de Marc. Era a primeira vez que ela o ouvia usar qualquer tipo de linguagem vulgar e isso a fez perceber que este Leonard Gibson era uma pedra no seu sapato. Se o tom dele não a houvesse convencido, o olhar na sua face teria confirmado suas suspeitas. Alguma estava definitivamente acontecendo.

“O que você dirá a ele?” Atticus perguntou.

“Eu não suponho que você esteja querendo aceitar minha oferta?” Marc o desafiou.

Atticus ergueu as duas mãos, recusando. “Eu já disse a você, não quero ser Mestre. Estou curtindo minha nova vida demais para entrar na política. Mesmo por você, velho amigo. Sinto muito.”

Kelly arregalou os olhos em surpresa ao ver que Marc esteve pronto para entregar sua posição de poder para Atticus. Tinha que ter alguma coisa a ver com a mensagem, mas ela era muito educada para chegar e perguntar. Ao invés disso, ela espionava vergonhosamente os homens.

Ela sentia falta de Marc. Desde que ele a havia beijado na noite antes dela ter aquele sonho escandaloso, ele a evitava. Sentia falta de seu rosto bonito e seu sorriso charmoso. Sentia falta do modo que ele a provocava e mais do que tudo, sentia falta de seu beijo – aquela noite fatídica a tinha arruinado para qualquer outro homem. A lembrança daqueles momentos roubados perseguiram seus sonhos e seu momentos acordada, mas Marc havia se retraído.

Em retrospecto, provavelmente era o melhor, mas ainda assim machucava. Ela estava feliz por ele ter tomado a iniciativa e se afastado. Quando a sanidade voltou, ela soube que não havia futuro numa relação com um vampiro. Na verdade, ela não estava totalmente certa de que ele não quisesse somente seu sangue. Não estava certa se realmente *havia* uma diferença entre sangue e sexo para um vampiro. Não tinha certeza se não estava esperando muita atenção dele. Talvez tudo que ele queria fosse um bom momento, e ela havia se apaixonado por ele como a boba que era.

Melhor não se envolverem mais do que já estavam. Ela conseguiu ser profissional, e ele tinha sido um cavalheiro nas poucas vezes que ela o havia visto desde o episódio na varanda. Foi bom ambos terem tido tempo de voltar ao juízo. Ainda assim, ela não podia evitar admirar o jeito dele, o modo como falava, o modo como andava. Ele era bonito como o diabo, mas não era bom para ela e era hora dela acordar e sentir o cheiro de café.

Ela voltou sua atenção para a conversa, alarmada pelas expressões variadas de desgosto, resignação e fúria nas faces deles. Algo estava seriamente errado se até Atticus estava contrariado. Ele normalmente era o mais temperado dos homens desde o seu casamento com Lissa, mas estava visivelmente chateado.

Marc caminhava de um lado para o outro, a agitação seguindo cada passo que dava na sala.

“Então será a morte,” ele disse, se voltando para encarar Atticus.

Kelly engoliu em seco, e os dois homens pareceram finalmente notar que ela estava na sala e havia ouvido tudo.

“Morte de quem?” As palavras escaparam de seus lábios, todos os pensamentos de se conter se desvaneceram pelo clima de desespero na sala.

“Nada que deva se preocupar, *ma belle*,” Marc assegurou, mas ela percebeu que ele não estava dando detalhes. Por tudo que sabia, eles poderiam estar falando da morte dele.

Subitamente ela sabia que não queria vê-lo morto. Não importava o que havia acontecido entre eles, ela não o queria mal. Muito pelo contrário, ela pensou chocada. Ela já o respeitava e gostava dele. Mais do que gostava, se fosse honesta consigo mesma. De um modo perverso, ela sentia falta das suas pequenas discussões e se descobriu estranhamente desapontada – mesmo solitária – de que ele não estivesse forçando sua presença mais.

“O inferno,” A voz de Kelly aumentou. “Vocês não podem simplesmente dizer uma coisa dessas na minha frente, e então passar a mão na minha cabeça como um poodle e me dizer que não é nada.”

“*Ma petite*, eu posso garantir a você, eu não acho que você seja um poodle. De onde tirou essa idéia? Sinto muito. Eu não tive a intenção de ignorar sua pergunta. Eu só quero que você não se preocupe. Não é a minha morte que estamos discutindo, mas a de Leonard Gibson. Se ele forçar um desafio, nós iremos lutar até a morte e ele é de longe menos experiente do que eu. A morte dele será rápida e o menos dolorosa que eu puder fazer, mas eu terei que matá-lo se ele me desafiar.”

“Isso é totalmente bárbaro.” Kelly estava chocada.

“É desse modo entre nossa espécie,” Marc falou num tom suave, se aproximando dela. Ele deu passo até ela, passando seus braços ao redor dela frouxamente, com naturalidade. Ela nem sequer esboçou alguma objeção á proximidade dele. Pelo contrário, se afundou mais ainda, colocando sua cabeça sob o queixo dele. Recostou seu rosto contra o coração pulsante dele, como se tivesse sido feita para estar ali. Ela não se questionou por que sentia essa avassaladora necessidade de estar junto dele, e aparentemente nem ele. A distância que havia entre eles não existia mais.

Atticus parecia surpreso pelo pequeno momento em que o olhar dela cruzou com o seu antes dela fechar os olhos, mas isso não ficou realmente registrado. Tudo que importava era Marc. Ela inalou seu cheiro morno e exótico, ignorando tudo exceto o fato de estar nos braços dele de novo. Estava em casa, afinal.

“Estarei ali fora.” Atticus clareou a garganta e se desculpou.

Ela havia esquecido que ele estava na sala. Um momento depois, Atticus havia saído, deixando-os sozinhos, embora tenha notado sua saída somente de relance enquanto Marc a abraçava mais forte.

“Eu não gosto da idéia de uma luta até a morte, Marc. Você pode ser uma perturbação real, mas eu não quero te ver machucado.”

“Real, eu não sou. Mas você não é a primeira e me chamar de perturbação, então deve ser verdade. Eu posso te garantir, já lutei em vários desafios nesses séculos, e consegui me manter nessa posição por algum tempo. Que eu ainda mantenha deveria ser prova suficiente de que posso prevalecer em quase todos os combates.” Ele se afastou para segurar o queixo dela com uma mão. “Não se preocupe, *ma petite*. Embora toque meu coração saber que você se importa com meu bem estar.” Ele disse com um sorriso gentil lhe cruzando os lábios. “Eu pensei que você me odiasse.”

Ela se ergueu para tocar o rosto dele. “Eu não odeio ele, Marc, mas você me assustava.”

“Eu nunca machucaria você, *ma belle*. Não está em mim causar qualquer tipo dano a você. Eu preferiria enfrentar o amanhecer do que te causar dor.”

“Por quê?” ela sussurrou. “Por que eu?”

Marc cerrou os olhos. “Eu não sei. Tudo que sei é que você incendeia meus sentidos mais do que qualquer mulher em cinco séculos. Quando eu sinto o delicado cheiro de sua pele, eu quero te lambar inteira. Quando eu vejo seu belo rosto, eu quero te beijar até perder os sentidos. E quando ouço sua risada, quero ser a pessoa que te traz alegria.”

“Então por que está me evitando?”

Irmandade do Sangue 02

"Justamente por essas razões, *ma chérie*. Você é muito tentadora, e eu não confio em mim mesmo perto de você."

A voz dele foi sumindo enquanto ele erguia a cabeça dela, baixando a sua de forma que poderia ver seu beijo vindo a quilômetros de distância. Ele estava dando uma chance dela se afastar, uma última chance de escapar, mas ela não a pegou. Ao contrário, ela levantou seu belo e teimoso queixo e encontrou-o no meio do caminho, participando completamente do beijo, não meramente aceitando-o, mas exigindo-o.

Capítulo Oito

O pensamento de sua aberta aceitação o deixou com os sentidos abalados, quase tanto quanto seu sabor delicado. Ela era como o melhor vinho, suavemente perfumado e cheio de prazeres enquanto ele tocava seus lábios abertos com sua língua. Seus afiados dentes caninos se alongaram em quase toda sua extensão antes que ele pudesse evitar em sua incontrolável resposta á ela. E estava, ele mordiscou seu lábio macio, enviando apenas um pedaço microscópico da essência dela naquele beijo, trazendo seu corpo rijo á instantânea atenção e para um estado ainda maior de excitação.

Não foi o suficiente para ele realmente sentir o sabor dela. Era mais uma provocação aos seus sentidos superiores. Um tentador sabor do que poderia ser. Ele queria mais. Seu corpo doía por mais.

Parecia que ele havia andado meio excitado desde o momento em que pousara o olhar na adorável Kelly. O que era estranho por si só. Séculos haviam se passado desde que uma mulher conseguisse cativar completamente seus sentidos e ainda muito mais desde que ele pudesse controlar suas respostas masculinas ás exuberantes formas femininas. O sonho só tornara as coisas piores. Ele conhecia seus desejos secretos agora e tinha uma idéia de como ela era no calor da paixão. A lembrança de como ela havia respondido o atormentava a cada momento de lucidez.

Ele colocou sua língua dentro da boca dela, saboreando o sabor dela, e soube que teria que ter mais. Lambendo e degustando, ele se afastou da deliciosa boca, descendo por seu queixo para arranhar com seus afiados dentes contra o pescoço dela. Ele estava quase lá. Salivou ao pensamento da safra especial pulsando nas veias dela e como ele suspeitava que seria aliviar a dor da fome que consumia sua alma.

"Eu tenho que tê-la," ele murmurou, afastando-se, preparando-se para mordê-la.

Um forte empurrão contra seu peito o pegou de surpresa.

Desprevenido como estava do seu ataque, ela realmente conseguiu movê-lo alguns centímetros para longe da pele tentadora do seu pescoço. Ele olhou para baixo, para seus olhos em chamas, surpreso pela luz da batalha que brilhava neles, quando somente alguns momentos atrás ele podia jurar que ela estava sob seu encanto tanto quanto ele estava sob o dela.

"Eu não estou no cardápio, LaTour. Se isso é tudo que quer de mim, você pode encontrar uma doadora de sangue em qualquer outro lugar." Ela empurrou contra seu peito, ele ficou tão surpreso com a súbita mudança e pelas lágrimas em seus belos olhos, que a deixou se afastar.

Como ele poderia explicar que alimento era a ultima coisa em sua mente quando ele pensava em provar sua essência? Ele percebeu que tomar o sangue dela no seu organismo seria mais do que o simples ato de se alimentar. Essa mulher tinha poder sobre ele de uma forma que nenhuma outra mulher em seis séculos conseguiu ter. Essa mulher não era simplesmente outro corpo quente fluindo com vida.

Esta mulher representava algo muito maior.

Ele não ousava esperar que ela fosse sua Escolhida, mas ela era definitivamente algo especial. Era hora dele preveni-la a respeito desse pequeno fato. Era hora de alguma verdadeira honestidade entre eles. Hora de ele colocar suas cartas na mesa. Antes que ela pudesse fugir da sala completamente, ele estava lá, na frente dela, bloqueando seu caminho.

"O que eu desejo de você vai além de alimentação, Kelly, então tire essa idéia da sua cabeça. Se tudo que eu quisesse fosse uma refeição, qualquer corpo quente serviria. Pra isso, eu poderia ter embotado sua mente e você teria desnudado seu pescoço para mim ansiosamente."

Ele a puxou quase rudemente para seus braços. "Mas eu não quero isso de você. Eu quero que você venha para mim livremente, de vontade própria".

"Isso é algum tipo de encantamento vampiro? Você precisa que eu o convide a entrar para poder ter total controle sobre mim? Por que se é isso, pense duas vezes, senhor. Eu sou dona de mim mesma. Não vou me submeter a você ou qualquer outro homem."

"Quem disse que quero subjugar você, *ma petite*?" Ele a apertou ainda mais enquanto olhava dentro dos seus olhos, usando só uma pequena pitada de sua influência para forçar uma resposta dela. Ele não queria usar seus poderes com ela, mas isso era muito importante para deixar passar. Se ela foi magoada no passado, ele precisava saber. "De onde tirou essa idéia?"

Não foi fácil, mas ela ficou suscetível o suficiente á sua invasão mental para obedecer. Os olhos dela ficaram duros e frios, e ele quase rosou.

"Quem machucou você, *bebê*?" ele murmurou, desesperado em apagar o olhar severo das feições suaves dela. Ela balançou a cabeça. "Não a mim," ela disse finalmente, com relutância. "Uma de minhas amigas. O marido dela a espanca, eu sei disso, mas ela não quer dizer nada contra ele. Ela não quer deixá-lo nem mesmo tenta sair de seu casamento. Ela está completamente consumida por ele. Sob total controle dele. Eu não quero que isso jamais aconteça comigo."

O alívio que o dominou deixou Marc surpreso. Ele não estava contente que ela tivesse testemunhado uma de suas amigas num relacionamento doentio, mas estava feliz de que não era ela que havia sofrido nas mãos de outro homem. Ele odiava pensar no que poderia fazer se um homem que a magoasse ainda vivesse. De uma coisa ele tinha certeza, esse homem não viveria para sempre, e ele não apreciaria seus últimos momentos. Marc garantiria isso.

"Eu não quero controlá-la, Kelly. Eu quero que você seja minha parceira. Minha semelhante."

"Eu, no mesmo nível de um vampiro de seiscentos anos? É, certo. Estou tão fora da sua realidade quanto poderia, Marc." Ela tentou escapar de seus braços, mas ele não estava permitindo.

"Eu não acho." Ele acariciou suas costas, as mãos fazendo pequenos círculos. "Acho que está perfeitamente na minha realidade, como você colocou. Na verdade, eu acho que você me ultrapassa por quilômetros. Sou eu quem tem que trabalhar para ser merecedor de você, não o contrário. Não quer me dar uma chance?"

"Por quê? Por que eu?"

Ela já havia perguntado aquilo antes, mas ele ainda não tinha articulado um bom motivo. Ele só sabia na alma que era assim.

"Eu não sei," ele sussurrou, puxando-a para perto. "Eu só sei que eu preciso de você como nunca precisei de nenhuma outra mulher antes. Eu tentei me manter afastado, mas é impossível. Eu desejo seu sangue, mas também quero seu corpo. Eu quero fazer amor com você até que o nascer do sol nos separe. Eu quero me a afogar na sua essência e enche-la com a minha. Isso é tão básico quanto complicado."

"E se você se cansar de mim?" A voz dela era baixa, quase sufocada contra o ombro dele. "Eu não quero um coração partido, Marc, e você pode facilmente partir o meu em pedaços."

Ele a beijou na testa amorosamente. "Eu duvido que ficaria cansado de você durante sua vida inteira, *cherie*. Suponha que eu prometa ficar com você pelo tempo que você me quiser? Isso lhe daria o controle sobre quanto tempo nossa relação duraria, não?"

Ela se afastou só um pouquinho para olhar nos olhos dele. "Você faria isso? Você cederia parte do seu controle para mim?" Ela parecia atordoada pela idéia enquanto ele concordava. "Mas como você pode saber que irá me querer além da próxima semana ou duas? Nós

poderíamos ser totalmente incompatíveis e ainda assim você promete ficar comigo pelo tempo que quiser? Não faz sentido, Marc.”

Ele pressionou sua pequena mão sobre o próprio coração. “Mas mesmo assim, é como eu me sinto. Eu só a conheço há pouco tempo, mas meu coração sente como se a conhecesse de sempre. Ele esteve sempre esperando, só por você.”

Ela deu um passo para trás, e dessa vez ele a deixou ir. “Você está me assustando, Marc. Está começando a falar do modo como Atticus fala de Lissa.”

A cabeça dele disparou. “Eu faço isso, não faço?” Ele pensou sobre isso por um momento. “Mas ainda assim, eu ainda estou inseguro quanto a você ser a Escolhida, *cherie*. Para ser honesto, eu duvido que algum dia encontrarei minha escolhida, mas eu admito me sentir mais atraído á você do que qualquer mulher antes.”

“Como um vampiro sabe que encontrou sua companheira?”

“Eu ouvi histórias, mas Atticus me disse que quando ele fez amor com Lissa pela primeira vez, eles compartilharam mais do que seus corpos. Eles compartilharam suas mentes e almas. Ela estava em seus pensamentos assim como ele estava nos dela.” Marc estava cheio de admiração ante essa idéia. “Isso deve ter sido o próprio paraíso.”

“Então se nós fizermos sexo e for somente sexo, então isso provará que não estamos destinados a sermos companheiros, certo?”

Marc a encarou de volta, com pesar no coração. “É verdade. Ou você é minha escolhida ou não é.” Ambos pensaram sobre aquilo por um momento. Era um conceito pesado.

“Ok,” ela finalmente disse.

Os olhos dele saltaram para os dela. “Com o que exatamente você está concordando, Kelly?”

Ela encontrou seu olhar com resignação, um pouco de ousadia e muita incerteza. Era uma mistura estranha, mas ele sentia algo similar no fundo de seu coração, então ele a entendia. Esse era um momento épico. Ele podia sentir isso.

“Eu posso ver o quanto isso é importante para você e para ser honesta, estou curiosa também. Estou concordando em ter sexo com você. Uma vez.” Ela foi enfática nesse ponto. “Se se provar ser mais do que apenas sexo, nós podemos seguir adiante, mas não estou concordando a nada mais até que essa questão seja resolvida.”

O sangue de Marc se aqueceu enquanto ele dava um passo a frente em direção á ela. “Você percebe que, quando alguém da minha espécie faz amor, nós bebemos do sangue de nossa parceira, não sabe? Nós precisamos tanto do alimento físico quanto do psíquico e a energia psíquica é mais forte no momento do orgasmo. Eu irei querer beber da sua essência quando você gozar para mim.”

Ela parecia quase hipnotizada pelas palavras dele e seu olhar ardente. Sem palavras, ela concordou. Lembranças dos gritos de prazer dela no sonho que compartilharam o assaltaram. Ele queria ouvi-los de novo, de verdade dessa vez.

“Então me encontre no quarto cor-de-vinho á meia noite. Eu irei me apressar para adiantar minhas obrigações dessa noite para que possa passar o resto da noite me dedicando ao seu prazer. Se você não aparecer, eu saberei que você mudou de idéia.” Ele queria cantar de triunfo pela aceitação escrita nas feições dela, mas fez um esforço para controlar suas emoções. Não faria para se regozijar. Ou pular de alegria também. Isso seria muito ridículo, mesmo que se sentisse derretendo por dentro.

“Estarei lá,” Ela sussurrou. “Eu não renego promessas.”

“Nem eu, *ma cherie*, e eu prometo que te mostrarei mais prazeres esta noite do que você já sentiu antes. Tem algumas vantagens ter vivido seiscentos anos, e eu planejo te mostrar todas, uma por uma, começando por esta noite.” Ele ergueu e beijou as costas de sua mão e então a

palma com um toque demorado antes de soltá-la e deixar a sala. Ele tinha muito a fazer antes de cumprir direito sua promessa, mas se deleitou com o fato de que antes do fim desta noite, ela seria dele.

Atticus o encontrou no corredor e esperou que Marc o seguisse até a biblioteca. Quando a porta fechou atrás dele, se virou e encarou Marc. Ele sabia que era direito de seu velho amigo opinar sobre o que acontecia em sua casa, mas Marc não poderia ser negado. Ele faria amor com Kelly esta noite, não interessava o que Atticus tivesse a dizer.

"Minha esposa não gostará disso, mas eu posso ver o quanto você precisa resolver esta questão na sua cabeça. Eu acho que não teremos paz nessa casa enquanto você não a tiver. Só peço que você não a machuque."

"Nunca faria isso." Marc se estava ofendido, ainda que surpreso pelo consentimento de Atticus. Kelly havia sido um ponto de discórdia entre eles. Ele não estava pedindo para que não tivesse Kelly, somente para não machucá-la.

"Eu não acredito que você a machucaria fisicamente, Marc, mas está claro que os sentimentos dela estão envolvidos nisso... o que quer que seja *isso* entre vocês dois." Atticus jogou as mãos para o alto. "Até mesmo eu posso magoá-la seriamente somente com uma palavra mais áspera. Ela tem andado sem graça pela casa desde que você parou de provocá-la. Lissa se preocupa com sua amiga. Ela acredita que Kelly pode estar apaixonada por você."

O pensamento o fez tremer, mas Marc também sentia o peso da responsabilidade como nunca sentira antes. Ele se sentia esperançoso e feliz, mas também honrado, querendo acalantar a idéia de que Kelly sente afeição por ele. E ele havia feito pouco para merecer isso.

"Manterei suas palavras em mente, mas Atticus, você tem que saber que não posso ignorar isso mais. Eu tentei -" Ele bateu com o punho na palma da outra mão, frustrado. "Eu tentei ficar longe dela... para não tirar proveito. Melhor resolver o problema, eu acho, antes que o impulso de tê-la se torne completamente incontrolável."

Atticus o olhou nos olhos. "Só se lembre da visão, Marc. Não ficarei ouvindo atrás da porta, mas ficarei atento."

"Obrigado por isso, ao menos." Marc sorriu para seu amigo. "Eu só pretendo fazer amor com ela, não machucá-la emocionalmente ou fisicamente. Essa visão não se tornará realidade essa noite. Isso eu posso prometer a você."

Atticus o observou por um longo momento antes de concordar. "Tudo bem, então. Manterei Lissa ocupada para que não se preocupe. Aproveite sua noite, Mestre LaTour." Atticus piscou, se curvou levemente e deixou Marc chacoalhando a cabeça ante a ousadia de seu amigo.

Capítulo Nove

Alguns minutos após a meia noite, Kelly se sentou em frente á sua penteadeira, encarando quase sem expressão para seu rosto pálido. Ela estava totalmente com medo do que as próximas horas trariam. Poderia continuar em frente com isso? Encontraria coragem de encontrar o devastadoramente belo – para não mencionar persuasivo – Mestre vampiro no quarto cor-de-vinho? Ela não tinha certeza, mesmo após tomar banho, se arrumar e perfumar para ele.

Ela o queria. Isso não era problema. Queria senti-lo, o comprimento e a largura de sua posse. Mais do que isso, queria conhecer o homem nele. O homem que percorreu a terra por mais anos do que ela pode entender. Ela queria deixar seu lado selvagem livre para a glória carnal dele. Toda vez que olhava para ele, sua temperatura aumentava em desejo, mas ela fez seu melhor para represar essas respostas. Ela temia que ele pudesse quebrar seu coração tão facilmente.

Só essa vez, ela queria testar o destino, brincar com fogo, ousar entrar no ninho do dragão e roubar um pequeno momento precioso. Uma noite.

Fortalecendo-se, ela levantou e se dirigiu ao corredor de seu quarto para o quarto cor-de-vinho. Esta ala da casa era inabitada exceto por ela. Havia sido preparada para os poucos convidados mortais que Atticus e Lissa algumas vezes recebiam. Aparentemente o casal tinha a suíte master em outra ala da mansão. Na realidade eles passavam pouco tempo lá. Era a prova de sol só em caso de eles se encontrarem no andar de cima quando o amanhecer chegasse, mas eles preferiam o ninho de amor secreto e subterrâneo que Lissa confessou terem criado em um dos porões extensivos.

Lissa disse a ela como Atticus e os outros vampiros se sentiam seguros quando sabiam que podiam dormir seguros do sol – preferencialmente sob o solo em um porão ou caverna durante o dia. Que Marc escolhesse um dos quartos de hóspedes á prova de luz solar era prova do desejo dele. Era um gesto significativo que se ele colocasse em risco considerável para estar com ela. Era também um voto silencioso de confiança. Por si só já era um pensamento desconcertante.

Ela parou por um momento ante a porta maciça do opulento quarto de hóspedes. Segurando a maçaneta, ela a girou levemente. Antes que pensasse ela já estava do outro lado da sólida porta, segurando a maçaneta atrás de si enquanto a porta se fechava. Ela se recostou contra a porta. Marc já estava lá.

Ele estava parado ao lado da enorme cama, erguendo um decantador do vinho profundamente vermelho que oferecia, servindo duas taças. Ele sorriu com uma luz de satisfação em seus olhos experientes enquanto se aproximava, segurando uma das frágeis taças para ela. Ela aceitou e bebeu automaticamente, mal percebendo o fino sabor enquanto Marc a encarava por sobre a borda de sua brilhante taça de cristal.

“Estou feliz que tenha vindo.” Ele brindou a ela antes de tomar outro longo gole.

“Eu não sei o que estou fazendo aqui,” Kelly admitiu nervosamente, “mas eu quero isso. Eu quero você. Por essa noite.”

Marc resmungou baixinho enquanto lhe tomava a taça e colocava junto com a sua em uma pequena mesa próxima á porta. Sem mais nenhum comentário, ele deslizou um braço forte em volta da cintura dela e a puxou mais perto de seu corpo firme. Ele se inclinou sobre ela, quase a deixando sem chão conforme descia sua boca para beliscar, beijar e lambe a pele sensível sob sua orelha, sobre seu acelerado pulsar.

Kelly se entregou completamente ao primeiro toque de sua língua úmida. A sensação de seus dentes afiados se alongando a surpreendeu no início e enviou choques de excitação através de sua espinha. Parecia melhor do que no sonho. Suas pernas não conseguiam mais suportá-la. Os braços fortes de Marc a carregaram como se ela não pesasse nada. Ele a depositou sobre a cama com a mais gentil carícia enquanto removia sua camisola branca de babados e a deixava jogada no chão.

Ele adorava cada pedaço de pele que expunha, nunca se apressando, nunca realmente dando chance à ela de recobrar o fôlego ou objetar. Ele simplesmente incendiava suas sensibilidades, fazendo coisas a seu corpo que ela nunca permitiu que outro homem o fizesse. É claro, ele viveu por séculos. Ele já tinha provavelmente feito coisas – coisas sexuais – que ela nem havia sonhado. É claro, aquele sonho do ménage tinha sido nada menos que chocante à luz do dia. Ela podia apostar que ele fizera mais do que aquilo – de verdade – com outras mulheres.

O pensamento dele ensinando-a algumas dessas coisas proibidas que conhecia a levaram a outro nível de excitação.

Marc não conseguia prová-la o suficiente. Era tinha o cheiro do céu e o sabor era divino. Conforme ele revelava seu suave e pálido corpo, se maravilhava com sua pele firme e sua quente forma feminina. Ele amava mulheres de todas as formas e tamanhos, mas essa particularmente parecia ter sido feita justamente para ele. Ela tinha tudo que ele gostava – seios grandes com mamilos protuberantes, uma barriga feminina levemente arredondada, quadris curvilíneos e um traseiro lindo. Ela tinha a constituição das mulheres do tempo dele, não como essas modelos esqueléticas dessa época, e ele estava curtindo cada momento da descoberta. Ele a havia visto no sonho, é claro, mas a realidade era muito melhor, mais clara e distinta. O sonho havia sido intenso, mas não podia se compara à vida real.

Ele a deitou de costas na cama larga e abriu suas pernas, apreciando a vista enquanto se inclinava e inalava o cheiro fresco dela. Quando lambeu sua pele, ele a sentiu pular. Grunhiu em satisfação, sabendo exatamente o que queria fazer com ela nessa primeira vez que se uniam. De suas inocentes porém ansiosas respostas, ele apostaria um bom dinheiro que nenhum homem havia feito sexo oral nela antes. Isso o fez se sentir bem de que fosse o primeiro a trazer a ela esse prazer especial.

Ele lambeu mais abaixo, acariciando com sua língua, deixando-a sentir somente a ponta de suas presas contra sua supersensível pele. Ela gemeu quando ele dirigiu a língua mais abaixo e para dentro dela, empurrando para onde ele logo invadiria com seu membro duro. Ela era da safra mais especial, a mais fina das champagnes, leve, aerada e nítida em sua língua. Ela fazia seus sentidos flutuarem. Ele se concentrou em seu objetivo, movendo sua língua nela com sincera intensidade até que ela tremesse em necessidade.

Quando ela gritou e se contorceu de prazer, ele estava quase despreparado para o fluxo de sensações que inundou seus sentidos. Sua deliciosa energia psíquica o fortaleceu com ataque de sensações. Ele se sentiu orgulhoso de poder levá-la ao clímax com tão poucas carícias. Ela alcançaria o orgasmo muitas, muitas vezes essa noite, ele prometeu.

“Sente-se bem, *mon couer*?” ele perguntou, sua respiração soprando sobre a pele sensível enquanto ela descia de sua primeira subida aos céus.

Ela disse que sim com a cabeça, murmurando sua aquiescência enquanto ele aproveita a visão de suas bochechas ruborizadas e a pulsação elevada. Ela era surpreendentemente inocente para uma mulher moderna, e ele achava isso completamente encantador. Havia muitas coisas que ele poderia ensinar a ela sobre o prazer. Seria uma alegria mostrar a ela, mas havia coisas mais importantes primeiro.

Primeiro, ele precisava saber como era estar dentro dela. Ele queria sentir seu calor a sua volta desde a primeira vez que ele a vira, e duvidada que conseguisse adiar isso por mais tempo

sem perder o pouco que restava de sua sanidade. O sonho apenas tinha feito com sentisse mais necessidade dela, não menos. Ele precisava saber na realidade como era tê-la envolvendo-o. Assim como ele precisava saber se ela seria sua Escolhida de quem ele estivera esperando por toda sua longa e solitária vida.

Francamente, ele duvidava disso. Ele não teria tamanha sorte. Ela era perfeita para ele de quase todas as maneiras, mas ele já estava acostumado a seguir seu caminho sozinho, ele não conseguia acreditar que fosse encontrar a mulher que seguiria esse caminho com ele.

Ainda assim, fazer amor com ela iria, pelo menos, resolver a questão, e ele precisava de algum alívio antes que explodisse em suas calças. Com um gemido, ele se afastou para se despir de suas roupas. Ele se despiu sem nenhuma finesse, jogando suas roupas no chão atrás de si. Em minutos, ele se deitou ao lado dela novamente, nu, duro e desejoso. Mas não por muito tempo.

Ela estava suave e refrescada após o orgasmo, mas ele tinha muito mais para mostrar á ela. Ele moveu suas mãos para baixo, contra sua cintura. Parando para tocar seus mamilos, ele apertou forte o suficiente para chamar sua atenção para ele.

"Você é uma bela mulher, *cherie*." Ele baixou o rosto para beijar seus lábios. "A mais bela que já vi em muitos anos." A voz dele sussurrou pela pele dela.

Ela riu suavemente, um mero sopro de ar enquanto suas hábeis mãos continuavam seu caminho para baixo, até seus maravilhosos cachos encaracolados, alcançando o pequeno botão dando um pouco de atenção a ele antes de encontrar seu caminho para seu apertado canal. Ela engasgou quando ele entrou nela, seus dedos deslizando na umidade da excitação dela. Ele sorriu contra o pescoço dela.

"Eu não sou bonita," ela insistiu em negar suas palavras.

Ele poderia provar que ela estava errada mesmo que tivesse que passar a noite toda fazendo isso. Francamente, ele ansiava por isso. Kelly se contorceu quando ele começou a deslizar seus dedos ritmicamente dentro dela. Ele ergueu a cabeça para encontrar seus olhos.

"Eu devo discordar, *ma petite*. Para mim, você é a mais bela mulher no universo. Especialmente quando goza para mim". Ele a levou ao auge de novo, usando suas mãos e todo seu conhecimento para incendiar os sentidos dela. Suas presas se alongaram enquanto a necessidade de se banquetear no sangue dela crescia nele. Seu sexo intumescceu e precisava de alívio também, se não mais, mais do que ele precisava provar da sua essência. "Eu tenho que ter você, *cherie*. Eu tenho que ter você agora".

Com um movimento rápido, ele estava sobre ela, seus dedos vagorosamente deslizando de seu centro. Ela emitiu um som de protesto que se transformou num ronronar quando ele levou os dedos á boca, lambendo o líquido do seu desejo. Ele fechou os olhos saboreando seu sabor único e viciante. Ele estendeu sua mão para ela. Iria deixar a cargo dela o quão longe ela iria. Ela podia ser malvada, querendo provocar, mas sem ir tão longe? Ela seria ousada, sugando seus dedos como uma profissional? Ou seria tímida, hesitante ou até mesmo se recusando a ir além e ser mais pervertida com ele?

Ele quase saboreou a idéia de que ela fosse guiada relutantemente ás suas indecentes predileções na cama. Não havia dúvida que ele gostava de ir além dos limites sexualmente. Ele havia se entregado em quase todas as perversões ao menos uma vez. Seus gostos poderiam ser considerados pervertidos, ainda que não extremos, exceto por sugar sangue, é claro. Ainda assim, ele nunca machucou ou violou ninguém. Todas as suas parceiras deram, de vontade própria e ansiosamente, tudo que ele queria.

Ele mostraria a Kelly as alegrias de segui-lo onde quer que a guiasse, e ela adoraria cada minuto. Isso ele prometia.

Mas ele não iria muito longe, muito rápido. Ele a quebraria vagarosamente, ensinando-a um pouco de cada vez até que ela estivesse ansiosa por seu membro em cada orifício, ou de cada maneira que ele quisesse dar a ela. Esta primeira vez era só o começo.

Com satisfação, ele sentiu a pequena e quente língua dela surgir para lamber seus dedos, cobertos com seu próprio gozo. Ela parecia tímida mas ansiosa, uma combinação que colocava fogo em seu já superaquecido sangue.

"Não consigo esperar mais, *mon couer*. Eu preciso me unir a você."

"Eu quero você dentro de mim, Marc. Eu preciso de você dentro de mim."

Ela ficou sem ar enquanto ele atendia seu pedido, entrando vagarosamente mas sem parar. Ela era mais apertada que uma mulher de sua idade seria nesses dias e época. Ele se espantou por um momento com a estupidez dos homens mortais que não viam o diamante que brilhava em seus braços. Ao mesmo tempo, ele estava feliz por ela ter tido poucos amantes. Isso tornava o que eles partilhavam ainda mais especial do que já era. Embora não pudesse lembrar de um tempo em algumas centenas de anos atrás – em toda sua vida, aliás – em que já houvesse precisado de uma mulher específica mais do que precisava dessa, pequena e pálida humana que gemia tão gostoso sob ele nesse momento.

O sexo dele deslizou, quente e pesado, para dentro do seu centro úmido. Ele adorou a sensação. Ele adorou o cheiro dela, e adorou o sabor da excitação dela. Sabia que amaria o sabor do seu sangue mais ainda. Isso poderia esperar enquanto a deixava se acostumar com seu sexo, deslizando para dentro, então puxando de volta levemente, espalhando sua lubrificação e facilitando cada vez mais seu caminho para dentro dela.

Ela choramingou quando ele se colocou totalmente dentro dela, mas ele podia dizer que ela não estava em nenhum tipo de agonia. A menos que alguém pudesse morrer agonizando de prazer. Ela estava ansiosa por ele. Ele podia sentir as emoções correndo através dela em ondas que o alcançavam, enchendo-o de urgência e necessidade de possuir essa pequena mulher muito além de tudo que ele já experimentara.

Ele começou a se mover dentro dela, estendendo sua entrada apertada. Seu corpo respondia ao dele, convidando e encorajando enquanto ele se movia mais forte dentro dela.

"Mais rápido!" ela ofegou, próxima do auge mais cedo do que ele esperava. Para dizer a verdade, ele estava grato. Estar dentro dela era mais excitante do que qualquer coisa que tinha experimentado, e ele não estava seguro de quanto mais tempo poderia se segurar. Estava indo rápido, mas oh!, era tão bom.

Ele se moveu mais rápido e ela se agarrou aos seus ombros, enroscando suas pernas bem torneadas em volta de sua cintura. Ele amou a sensação da pele macia, encorajando-o.

"Deus! Por favor, Marc!" ela estava implorando, soando como música aos ouvidos dele.

Só uma coisa tornaria esse momento mais perfeito. Ela estava alimentando sua energia psíquica, mas ele precisava do seu sangue também.

Marc se inclinou, deixando seus dentes afiados rasparem o ponto desejado no pescoço dela. Ele podia sentir o pulsar da corrente sanguínea logo abaixo de sua delicada pele. Ele queria esse sangue. Ele a queria. Queria provar sua essência e fazê-la gozar.

Se movendo mais rápido dentro dela, ele mordiscou sua pele com suas presas afiadas, deixando-a sentir somente uma pequena ferroadada. Só o suficiente para deixar que soubesse o que estava acontecendo. Não queria que sua lembrança deste momento histórico fosse embotado pela dor. Queria que esta maravilhosa mulher se lembrasse de cada momento, lembrasse dele com um sorriso nos lábios enquanto pensasse sobre o clímax incrível que estavam para partilhar.

A primeira gota do sangue dela atingiu sua língua e explodiu através de seus sentidos, deixando-o desesperado por mais. Ele golpeava dentro dela, indo mais fundo, sua boca

Irmandade do Sangue 02

sugando a essência dela para dentro de seu próprio corpo. Ele a encheria com sua semente, ela o encheria com seu sangue, e juntos eles encontrariam a felicidade de modo que nenhum deles nunca experimentou antes.

O orgasmo dela começou quase no momento em que ele perfurou sua carne. Ela se contraiu ao redor dele, o clímax ficando mais forte e mais poderoso até que ela gritou, levando-o junto com ela. Seu sangue fluiu para dentro da boca dele enquanto ele transbordava dentro do seu corpo convidativo, cada um encontrando morada dentro de seu parceiro de destino.

Ele percebeu essa verdade surpreendente, sem sombra de dúvida, enquanto alcançavam o clímax juntos pela primeira vez. Ele sentia tudo que ela estava sentindo dentro de sua própria mente, quase como se estivesse vivenciando tudo ele mesmo, vendo através dos olhos dela, sentindo suas emoções. Ele sabia que o mesmo ocorria com ela. Podia dizer pelo olhar espantado dela, olhar que encontrou o seu quando finalmente selou os machucados no pescoço dela e ergueu a cabeça.

Ela sentia o que ele sentia. Estavam compartilhando suas mentes e emoções plenamente. Eram um só. Ela era a sua Escolhida.

Capítulo Dez

"Você é a minha companheira," Marc disse reverentemente, retirando o cabelo bagunçado do rosto dela. "Eu não posso acreditar. Você é a minha primeira e única. *Mon amour*."

"Posso sentir o que você está sentindo. Saber o que você está pensando." Ele podia ver que ela estava completamente aturdida. "E não ouse rir de mim!"

Ele riu, abraçando-a apertado, ainda firmemente alojado dentro de seu corpo e mente. Ele não queria sair. Nunca.

"Não estou rindo de você, *mon coeur*, estou simplesmente bobo. Tenho procurado por você por mais de seis séculos, e agora você é minha. Eu, honestamente, não acreditava que esse dia fosse acontecer." Ele se abaixou e a beijou sonoramente, erguendo-se para olhar nos olhos dele por um momento, então se movendo para um beijo mais profundo enquanto ficava duro dentro dela uma vez mais. "*Je t'aime, mon amour*. Eu te amo, Kelly."

"Como você pode me amar?" Ela parecia totalmente confusa. Mas encantadora, ele pensou. "Você mal me conhece."

"Como eu não poderia?" Ele acariciou sua adorada face. "Eu estou na sua mente, *ma petite*, na sua própria alma. Eu te amo. O que, não há dúvida. Veja na minha mente, minhas memórias, minha alma e você veja se consegue negar que você me ama também. É o destino. Você é minha companheira destinada, e não há mais nada que eu possa fazer a não ser amar você. Mesmo se o destino não houvesse decretado isso, eu ainda amaria a bela menina travessa que você é sob essa fachada conservadora. Você é perfeita pra mim, Kelly. Você precisa olhar dentro do meu coração e ver isso."

Ela tentou fazer como ele pedia, mas seus sentidos estavam uma bagunça. Entre os pensamentos e emoções dele espelhando em sua mente inexperiente, e seu membro, duro e ondulando dentro dela, estava mais do que um pouco sobrecarregada. Ela se concentrou no plano físico. Ao menos isso ela entendia. Sexo com sexo, o orgasmo logo viria.

Ao menos o imenso membro de Marc em sua ávida vagina. O homem tinha mais habilidades sexuais em seu dedo mindinho do que todos os seus antigos amantes juntos. Não que tivessem sido muitos. Ela poderia apostar que ele tivera centenas, talvez milhares de mulheres ao longo de séculos se alimentando de sangue e luxúria femininos.

"Elas não são nada comparadas com você, *mon amour*." Ele sugou em sua pele enquanto a possuía, profunda e lentamente.

"Saia da minha cabeça!" Ela tentou soar brava, mas saiu charmosamente mal-humorada. Ao menos foi o que ele achou. Droga, agora era ela que estava em sua mente. Ela havia captado isso direto da sua mente.

"Diz a lenda que é natural para os companheiros compartilhar suas mentes, seu sangue e corpos. Agora que encontrei você, eu nunca mais precisarei me alimentar de outra de novo. Seu sangue e nossa paixão irão me sustentar pelo resto dos meus dias."

Marc rolou, deixando-a se sentar sobre ele. Era como no sonho, mas diferente.

"Você gostou do nosso sonho, *mon ange*?" Ele sussurrou, pura tentação, e nesse momento ela percebeu que havia sido mais do que um sonho.

"Foi real?" Ela não compreendia muito bem o que estava lendo na mente dele.

"Não, meu amor, foi só um sonho, mas nós o dividimos. Nós três."

"Três? Então... Dmitri realmente estava lá?" Ela ficou chocada, quase sem palavras.

"Ele tem habilidades especiais para entrar nos sonhos. Ele nos levou ao seu sonho e o resto, como dizem, é história. Foi bonito, não foi?" Ela arfou enquanto ele se erguia sob ela, seu

Irmandade do Sangue 02

membro a fazendo se recordar das sensações que eles compartilharam no sonho. "Você deseja Dmitri, meu amor? Você sente falta dele atrás de você?"

"Não!" ela gritou enquanto ele pulsava dentro dela mais uma vez, mas sabia que ele podia ler sua mente. Ela não queria Dmitri. Ela queria somente Marc, ainda que a experiência – agora que sabia que realmente haviam dividido aquele sonho escandaloso com ela, impossível como assim parecia – seria uma coisa que ela se lembraria para o resto de sua vida.

"Você me faz feliz, *mon amour*." Ele se ergueu para provocar os seios dela com sua língua. Suas presas seguiram, percorrendo sua pele tenra. "Agora me cavalgue, meu anjo, e nos leve às estrelas."

Ela sentiu o desejo dele, refletindo o seu próprio enquanto ele lambia sua pele, dando pequenas mordidas de amor que não penetravam mas que balançavam com seus sentidos do mesmo modo. Quando ele finalmente a mordeu, ela estava se movendo rapidamente sobre ele, seu próprio clímax tão próximo que ela podia sentir seu gosto. Ele estava perto também, e sentir suas emoções misturadas com as dela era tanto uma distração quanto eletrificante. Ela queria saborear a sensação, mas era muito intensa.

Ela não conseguiu se concentrar em mais nada quando o sexo de Marc explodiu, levando ambos às estrelas como ele queria. Ela nunca havia sido levada tão alto por um orgasmo, nunca o sentira tão perfeito, tão especial, tão... certo.

Ele a segurou enquanto ela tremia, lágrimas molhando seus olhos e correndo para seus cabelos. Acalmando-a com seus lábios macios, ele tocou sua face com o nariz, lambendo suas lágrimas e segurando-a apertado. Mimando-a.

"Não chore, pequena. Estou aqui. Sempre estarei aqui por você. Pelo tempo que vivermos." Ele sussurrou essas palavras reassegurando a ela, e ao mesmo tempo colocando terror em sua mente.

"Mas quanto tempo será, Marc? Você irá me transformar? Eu terei que virar uma vampira?" Sua mente estava um caos. Ela não sabia o que pensar.

"Coração, eu não te obrigaria a decidir. Se você não quer fazer a transição, eu terminarei meus dias quando os seus terminarem." Os olhos dele suplicaram enquanto as lágrimas dela aumentava. "Mas isso não acontecerá antes de muitos e muitos anos. Podemos nos preocupar com isso quando chegar a hora. Agora, vamos ficar felizes por termos nos encontrado. Não pedirei que tome meu sangue. Será sua decisão."

"Mas eu quero." Ela podia sentir isso pela mente dele.

Ele balançou a cabeça vagarosamente. "Não posso negar a verdade disso. Não gostaria de nada mais exceto passar a eternidade em seus braços, compartilhando a noite com você, vendo o mundo mudar e se desenvolver a nossa volta, mas eu quero sua felicidade primeiro e acima de tudo. Se esse pensamento a aterroriza – e eu sei que nesse momento, aterroriza – então eu acatarei qualquer decisão que tomar. Eu te amo. Eu quero dividir qualquer tempo que restar para nós neste mundo com você."

Ele a beijou tão docemente que ela chorou ainda mais. Ele a acalmou gentilmente, balançando-a em seus braços enquanto se deitava sobre os frios lençóis cor-de-vinho. Ele a abraçou a noite toda enquanto a mente dela viajava. Ela estava simplesmente vencida. Tanto em tão pouco tempo. Não sabia o que pensar, sentir ou fazer. Somente sabia que estar nos braços dele parecia mais correto do que qualquer coisa que já sentira antes.

Ele era sua rocha, seu conforto, seu porto na tempestade de suas emoções, e ela o amava por isso. Pensando melhor, ela o amava. Ponto final.

"Fico feliz que tenha percebido isso." A voz suave dele afastou a escuridão enquanto ele beijava sua testa com lábios gentis. Ela pulou. Ele estava lendo sua mente novamente. "Eu te amo também, *mon couer*, meu coração."

Ela se voltou para os braços dele, a tormenta de emoções percorrendo-a mais uma vez. Sua voz era um sussurro desesperado contra seu peito musculoso quando ela finalmente enfrentou as poucas palavras que conhecia em seu coração e alma que ele precisava tão desesperadamente ouvir.

“Eu te amo, Marc.”

Na noite seguinte, logo após o pôr do sol, Atticus e Lissa fizeram um brinde a Marc e Kelly. Era impossível esconder a sua relação agora. Marc estava orgulhoso de ter Kelly ao seu lado e se ela ainda estava um pouco desconfortável, era de se esperar. Ele recuou mentalmente, dando-lhe espaço para crescer utilizando sua conexão.

Ele adorava sua timidez na frente de seus amigos tanto quanto gostava de sua ousadia quando faziam amor. Eles tinham passado o resto da noite e do dia seguinte juntos. Marc havia dormido no quarto cor-de-vinho, protegido do sol pelas pesadas cortinas e pelo amor de Kelly. Ela o havia deixado por um momento, mas mesmo em seu sono ele a sentia pela casa, comendo, respondendo e-mails e arrumando coisas, fazendo seu trabalho.

Ela retornou para ele logo após ele acordar completamente pela noite e ele a recebeu com um beijo que adoraria levar adiante, mas Atticus e Lissa estavam esperando. Atticus havia avisado que queria falar com Marc antes de ele e Lissa saírem para um jantar de negócios após o pôr-do-sol.

Quando Marc e Kelly desceram juntos, não havia como disfarçar seu novo status de Atticus e Lissa. Lissa havia corrido para pegar Kelly em um risonho abraço de parabéns. Atticus havia dado tapinhas nas costas de Marc com igual entusiasmo, dando sinceras congratulações para ambos.

Marc havia esperado sua vida inteira para encontrar Kelly e estava orgulhoso de ter seus amigos como testemunhas do seu amor. Se estivesse vestindo um terno, ele poderia ter estourado os botões com seu peito inchado de tanto orgulho.

Depois do brinde ao par recém unido, Atticus e Lissa despediram-se e seguiram para a reunião com um empresário local. Eles não participavam muito, mas como donos de um dos maiores e mais bem sucedidos vinhedos do norte da Califórnia, era prudente aparecer algumas vezes em eventos mortais.

“Se Leonard vier atrás de você antes de retornarmos, envie uma mensagem.” Atticus estava mortalmente sério, alertando seu amigo de longa data antes de sair. Ele olhou significativamente na direção de Kelly, mas Marc sabia que sua companheira poderia fazer pouco para alterar o rumo dos eventos que se desenrolavam. Ele queria que ela ficasse o mais longe possível de qualquer possível confronto. Marc raivosamente concordou em chamar Atticus caso precisasse, ainda que preferisse muito mais lidar com Leonard tranquilamente sem muito barulho.

“Ian está por perto.” Marc sabia que isso era tudo que precisava dizer para reassegurar Atticus de que Kelly estaria segura depois caso Marc tivesse que lidar com Gibson esta noite. Ian era um dos mais talentosos em discrição entre eles. Mesmo Marc nem sempre conseguia localizar onde seu mais talentoso soldado estava quando estava tentando se fundir com o submundo.

Quase antes das luzes do carro de seus anfitriões estar fora de vista, outro luxuoso veículo apareceu no portão. Marc suspirou enquanto apertava o botão para deixar Leonard Gibson entrar e em pouco minuto, sua barulhenta limusine estrangeira estava fazendo seu caminho ao longo da comprida e tortuosa estrada.

Ele ouviria o que Leonard tinha a dizer, então o mandaria seguir seu caminho, se possível. Se não, acabaria com ele de uma vez por todas.

O carro era uma simulação, e das bem idiotas. Vampiros podiam facilmente se transportar mudando de forma em algo que pudesse correr ou voar. Até mesmo o menos talentoso geralmente dominava a habilidade de se transformar no final de seu primeiro século. Leonard tinha ao menos três séculos sob sua cintura, mas ainda tinha necessidade desses ruidosos enfeites humanos. Era apenas uma das fraquezas dele.

Marc sabia que Leonard nunca seria um bom Mestre. Ele era muito envolvido consigo mesmo e tinha muito pouco interesse pelo bem estar daqueles a sua volta. Era obrigação do Mestre manter a paz e o equilíbrio entre os vampiros em sua região e os humanos com quem viviam lado a lado.

Marc era parte polícia, parte juiz e júri, e parte legislador. Somente seu julgamento se colocava entre a humanidade e aqueles como ele, que detinham tão vasto poder. Era importante o Mestre ter o bem dos dois lados firmemente em sua mente todas as vezes. Como Marc bem sabia, Leonard era muito egoísta para pensar em alguém além de si próprio.

Marc beijou sua companheira sonoramente, enviando-a para terminar o serviço burocrático que ela cuidava para Atticus. Ele disse a ela que tinha algumas coisas para cuidar sozinho e que a encontraria em breve, mas na realidade ele deixou a grande casa e foi encontrar o desafio fora das vistas dela. Estava feliz por conseguir manter sua mente separada da dela a tempo de dissipar sua confusão. Ele Leonard lutariam – se precisassem – além do primeiro prédio onde alguns barris de vinho estavam estocados.

Após a conexão que fizera com Kelly na noite anterior, foi contra a vontade que protegeu seus pensamentos de sua parceira, mas era necessário. Acima de tudo, ele tinha que protegê-la da dura realidade de sua existência. Ao menos, até onde pudesse.

Capítulo Onze

“Eu não quero lutar com você, Leonard.” Marc suspirou enquanto o outro homem o olhava com desprezo.

“Eu não quero lutar com você também, Marc. Eu quero matar você.”

Balançando sua cabeça enquanto tirava seu casaco e o dobrava cuidadosamente, Marc sabia que não havia maneira de evitar isso. Ele sabia que Ian estava lá fora em algum lugar, cuidando de Kelly se o impensável acontecesse e alguma virada do destino permitisse que esse verme chorão ganhasse. Em todas as possibilidades, Marc via Leonard Gibson morto antes de passar uma hora. Não poderia ser tão cedo na medida em que Marc estava preocupado.

A gangue de Leonard permaneceu na limusine, e Ian estava fora de vista. Marc não sabia onde estava seu amigo, mas confiava em Ian para estar onde mais precisasse.

O desafio veio quando Marc achou que viria. Leonard fez toda a cerimônia como qualquer um dos outros desafiantes que já havia encarado no passado, mas como eles, ele caiu rapidamente. Marc lutou uma luta limpa, como sempre fazia, mas deveria saber que Leonard era uma cobra traíçoeira para lutar sujo.

Havia poucas coisas nesse mundo que podia matar um vampiro. Uma estaca no coração, o sol alto no céu, um raro e catastrófico machucado que levaria a total perda de sangue... e prata. Prata era agonizantemente dolorida e fazia sua parte em matar. Era uma substância que sua espécie evitava a todo custo, mas Marc devia ter previsto que se Leonard não vencesse seu desafio, tentaria de outra maneira derrotá-lo.

Ele viu os olhos de Leonard primeiro, mas já era tarde demais para evitar o golpe mortal – um mero arranhão na realidade, mas executado com diabólico zelo. Leonard segurava uma garra prata cuja pontas ocas estavam carregadas com pó de prata. Ele cruzou o peito de Marc com a garra queimou por onde tocava. Leonard caiu morto com o próximo golpe de Marc, mas ele já havia matado Marc. Amaldiçoadamente lento e excruciantemente doloroso.

Enquanto o corpo de Leonard virava pó na extinção de sua força vital, Marc caiu sobre seus joelhos, apertando seu peito. Ele estava apenas vagamente ciente da gangue de Leonard voltando à limusine e se afastando.

A pele de Marc começou a se encher de bolhas conforme a prata fazia seu trabalho dentro dele. A única coisa que poderia salvá-lo agora era sangue e álcool. Perversamente, ele caíra no meio de uma vinícola com a benção vermelha fermentando somente alguns passos adiante em um dos armazéns, mas ele não tinha forças para chegar lá.

Ele se sentiu perdendo a habilidade de raciocinar ou pensar além da dor incrível. A entrada em sua mente ele teve o cuidado de manter totalmente aberta. Ele sentiu o soluço de choque de sua companheira e se arrependeu da dor que causou nela, mesmo quando deslizou para um estado semi-consciente na grama perto das cinzas de Leonard. Estaria se juntando a ele logo, ele sabia.

“Eu te amo, *mon coeur*.”

O pensamento sussurrado de sua mente para a de sua amada em seus últimos momentos de coerência. Era tudo o que podia dizer, mas havia uma riqueza de sentimentos por trás dessas palavras simples. Ele tinha muitos arrependimentos, mas o que mais sentia era deixá-la tão cedo. Havia acabado de encontrá-la e agora ela teria que seguir sozinha.

“Sinto muito.”

Kelly engasgou enquanto era atingida por uma onda de dor. Atticus e Lissa haviam recém chegado em casa e estavam conversando com ela na sala de estar quando seu mundo começou a girar.

Ela vagamente se sentiu sendo erguida nos braços fortes de seu empregador. Viu seu rosto transtornado flutuando sobre ela, mas sua mente estava focada na dor de seu parceiro.

"Marc!" ela gritou, agarrando Atticus para deixá-la ir, sabendo que apenas alguns metros de distância, seu parceiro estava dando seu último suspiro.

Atticus teve que deixá-la ir por que a próxima coisa que soube era que estava correndo pelo campo até o corpo arfante de Marc. Ajoelhando-se ao seu lado, ela descobriu as marcas purulentas, confusa sobre o que fazer por ele.

"Prata," Atticus sibilou, colocando sua esposa atrás de si. Eles aparentemente haviam seguido atrás dela em sua corrida insana da casa até o campo. "Nós temos que levá-lo para dentro do armazém." Lissa tentou se aproximar de sua amiga, mas seu marido barrou seu caminho. "Você não pode tocá-lo. A prata pode te matar."

Olhos preocupados foram do corpo convulsivo de Marc para os olhos torturados de Kelly. "Alguém tem que ajudá-lo."

Atticus concordou formalmente. "Eu sei."

Kelly percebeu tudo com uma clareza brutal. Atticus estava se oferecendo a arriscar sua própria vida por seu amigo, mas ele queria sua mulher longe do perigo. Aparentemente ela era a única a quem a prata não era um veneno, por ser humana. Tomando uma rápida decisão, ela encontrou forças em algum lugar no fundo de si mesma para erguer Marc a meia altura do chão, colocando seus braços sob seus ombros largos. Ela não conseguiria levantá-lo, mas poderia arrastá-lo. Ela começou a se mover enquanto Atticus assistia á distância, sabendo que ela teria que fazer o que pudesse. Ela não queria que sua amiga Lissa sentisse a mesma dor infernal no coração ao potencial perigo de seu próprio parceiro.

Ela lutou para arrastar Marc, se virando para medir a distância até a construção. Estava perto, mas suas forças estavam acabando. De repente, sentiu sua carga aliviar. Ela olhou para trás para encontrar Atticus, sua mãos envoltas em tantas camadas de panos quanto ele conseguiu arranjar para ajudar a afastar o pó de prata espalhado, erguendo os pés de Marc para que não precisasse arrastar. Isso tornou mais fácil carregá-lo, dividindo seu peso sem o atrito da grama grossa contra seu corpo.

Atticus sibilou com dor quando partículas perdidas de prata encontraram a pele de seu braço, mas estava bem. Eles fizeram um bom tempo até a construção e levaram Marc para dentro. Atticus soltou os pés de Marc na frente de um grande tonel e passou a soltar as tampas.

"E agora? O que eu faço?" Kelly estava perdida. Marc estava indo embora, podia sentir isso.

"Coloque-o dentro do tonel."

"Você quer que eu o mergulhe em vinho tinto?" Ela estava ficando histérica.

Atticus ergueu os pés de Marc novamente, sibilando quando suas mãos se afastaram do pó de prata, mas ele ergueu e puxou, deixando metade do corpo de Marc dentro do barril.

"O vinho tinto combater a prata. É o único jeito." Atticus tentou ajudar a erguer o torso de Marc, mas teve que parar. A dor estava devastadora. "Você tem que fazer isso. Coloque-o lá agora ou vamos perdê-lo para sempre!" Ele gritou enquanto abria outro barril e mergulhava as mãos e braços até os ombros, suspirando enquanto a prata mortal era anulada pelo rico vinho tinto.

Kelly puxou e levantou até que Marc deslizou totalmente dentro enorme tonel de vinho tinto.

Quase imediatamente, o vinho começou a borbulhar.

"O que está acontecendo?" Ela estava aterrorizada.

"Não se preocupe. É a reação da prata com o sangue dele. A prata é veneno para nós por causa da substância especial em nosso sangue e tecidos. Ele tem muita prata em seus

Irmandade do Sangue 02

machucados. Pode levar um tempo para reagir.” Atticus tirou suas mãos do outro tonel e deixou o vinho pingar de sua pele enquanto se aproximava para observar o progresso de seu amigo.

Kelly olhou para suas mãos e braços cuidadosamente. Ela havia visto o quanto ficaram cheias de bolhas apenas com uma pequena quantidade de pó de prata. Estavam quase curadas, mas a pele dele ainda parecia irritada.

“Se ele sobreviver a isso, ele irá precisar de sangue no momento em que levantar do barril.”

Atticus falou baixinho perto dela. “Ele não estará raciocinando. A besta dentro dele estará no controle. Ele estará louco de dor. Ele pode, e provavelmente será perigoso.”

Ela sabia o que ele estava falando. Marc poderia matá-la. Ela entendia a realidade daquilo com uma parte de sua mente enquanto a parte maior do seu coração gritava para ela fizesse qualquer coisa se isso significasse que ele viveria.

“Eu daria minha vida por ele.” Sua voz era menos que um sussurro. Ela voltou seu olhar sério para Atticus. “Diga a ele se...” Ela não queria terminar o pensamento. Ela não queria ter que terminar. Ambos sabiam que os próximos momentos poderiam ser seus últimos. “Diga a ele que eu o amo.”

Capítulo Doze

Depois de meia hora, as bolhas diminuíram dentro do barril. Kelly olhou ansiosamente, procurando por algum sinal de vida. Atticus havia insistido para que Lissa fosse para casa. Ian havia emergido das sombras, parecendo pior pelo desgaste depois de ser derrotado por uma dúzia dos capangas de Gibson, para acompanhá-la. Atticus pediu que ele deixasse sua esposa em segurança dentro da mansão. O que quer que acontecesse a seguir, era melhor manter o menor número de pessoas envolvidas.

Kelly gritou, pega de surpresa quando Marc de repente se ergueu do tanque com uma grande lufada de força enquanto o vinho se espalhava. A pele dele estava vermelha tanto pelo vinho quanto por seus machucados, seus olhos alucinados, piscando em vermelho em suas profundezas, e ela soube que ele não era ele mesmo. Partiu seu coração vê-lo dessa maneira... tão próximo do limite da loucura total.

Com uma paz em seu coração que ele não esperava, Kelly se entregou quando ele a agarrou, puxando-a para seu corpo molhado e indo direto para o pulsar em seu pescoço. A dor era nada quando comparada com a dor de ver Marc naquele estado. Ela daria tudo para recuperá-lo – até e inclusive a própria vida.

Ele bebeu avidamente e sem nenhuma finesse, seu objetivo principal era se alimentar rapidamente e fortemente de qualquer humano disponível. Não importava quem ou como. Não importava em sua mente irracional se ele matasse. A idéia de matar sua presa nem mesmo registrou, ele estava muito distante.

A doçura do sangue dela o fortaleceu como nada que ele pudesse imaginar. Em algum lugar no fundo de sua mente, ele tinha o pensamento que essa humana era especial de alguma forma, mas a dor agonizante superava qualquer pensamento realmente racional. Ele bebeu e bebeu, sentindo-se ganhar força enquanto os minutos se passavam. Sua dor começou a diminuir com o tempo e sentiu o coração dela palpitar, a respiração arfando fracamente contra seu pescoço, e o corpo dela estava ficando totalmente mole em seus braços. Ele se afastou, a testa franzida era o único sinal de que sua sanidade estava retornando.

Ele franziu o cenho para ela, e então olhou em volta. Estava parado dentro de um tonel de vinho tinto, seu torso queimando de dor e a mais bela mulher que já havia visto, morrendo em seus braços. Outra pessoa estava lá também. Atticus, ele se lembrou de repente, enquanto o outro homem se aproximava.

“Marc?” O tom de Atticus era de dúvida, procurando por seu amigo dentro do monstro que ele havia visto.

“Atticus. O que aconteceu? Quem é ela?”

Atticus se aproximou mais confiante de seu amigo, olhando para a mulher que Marc parecia pouco inclinado a soltar.

“Ela é sua companheira.”

“Dieu! Kelly!” Tudo voltou numa corrente enquanto Marc checava os sinais vitais dela. Ela mal estava se mantendo. Ele sentia que era questão de minutos antes dela o deixar para sempre, sabia que então teria que se matar. Não havia maneira de seguir em frente sem ela, especialmente sabendo que ele mesmo a havia matado em sua horrível dor cega. Ele havia se transformado no monstro da visão de Lissa. Era dele que eles deveriam tê-la protegido afinal. O reconhecimento deixou um gosto amargo em sua boca.

“Há somente uma coisa a fazer.” Atticus olhou seu amigo gravemente.

Marc concordou. “Eu queria dar a ela tempo para se acostumar com a idéia. Eu não quis forçá-la a isso, mas não tenho escolha.” Acariciou seu rosto pálido, tomando um momento para

transformar um dos seus longos dedos em uma garra afiada o suficiente para fazer um corte limpo em seu pulso. Ele aproximou a boca de Kelly de sua veia aberta. Era importante que essa primeira troca de sangue fosse tão perfeita quanto possível. Ele queria que ela acordasse forte e... imortal, como ele.

Kelly acordou em seu quarto, o corpo quente e nu de Marc enroscado no seu igualmente nu. Ela se sentia dolorida e um pouco estranha. Por apenas um momento, quase não lembrou o que havia acontecido, e então tudo voltou num golpe.

Algo dentro dela lhe dizia que o sol estava se pondo ainda que ela nunca tivesse tido esse tipo de pressentimento antes. Se sentiu definitivamente diferente, mas estava quase amedontrada de se perguntar por que. Sabia que Marc estava acordado antes dele falar. Ele não moveu um músculo, ainda assim ela estava ciente dele, em sua mente, em seu coração, em sua própria alma.

"Eu amo você, Kelly. Você deve que acreditar nisso."

Ela pensou sobre o desespero que ouviu na voz dele por um momento, quase não entendendo, mas querendo levá-lo tão a sério quanto ele parecia. Os braços dele a prendiam por trás e não permitiam que ela se virasse para olhá-lo. Ela deixou de lado por ora. Sentia o desespero no seu abraço também.

"Eu acredito." Sua voz era de certeza, mas ainda fraca. Ela clareou a garganta e tentou novamente. "Eu não entendo, mas acredito em você."

Ele suspirou, sua respiração tocando o lado do pescoço dela. Kelly sentiu sua tensão diminuir enquanto ele afrouxava seu abraço e então ela conseguiu se virar pra encará-lo. Seus olhos estavam tristes e cheios de arrependimento, mas acima de tudo, ela pode ver o amor brilhando neles. Amor por ela.

"Estou tão feliz por você estar vivo." Ela tomou seu rosto não barbeado nas mãos. Ele virou o rosto ternamente para plantar um beijo na palma da mão dela.

"Você me salvou, *mon amour*. Seu amor me salvou."

"Mas o que aconteceu depois de...?" ela se consumia, tentando se lembrar, mas tudo que conseguia relembrar eram seus olhos brilhantes e insanos e então a profunda escuridão.

Ele a acalmou, acariciando suavemente suas costas. "Eu sinto muito, meu amor. Eu sinto muito."

"Por quê?" Ela estava começando a realmente se perguntar agora. Ele estava agindo estranhamente - mesmo para ele.

"Por te atacar quando estava fora da minha razão. Por tirar sua opção. Por fazer sua passagem sem seu conhecimento." Ele pareceu se proteger da reação dela, mas ela estava atônita.

"Você me transformou?"

"Era a única maneira de salvar sua vida. Na minha loucura, eu quase a matei. Foi o único modo de te manter viva."

"Eu teria morrido?" Intellectualmente, ela deveria saber que estivera muito provavelmente trocando sua vida pela dele. Atticus havia avisado o quanto ele ficaria irracional quando levantasse do tonel, mas ouvi-lo dizer de forma grave ainda a chocava. Estivera preparada para morrer para salvar Marc, mas a dúvida permanecia, ela queria viver como uma vampira?

Marc havia lhe dado opções... antes. Agora a escolha havia sido arrancada de suas mãos. Se viver com Marc como mortal e morrer juntos no fim natural de seus dias, ou permitir que ele a mudasse numa imortal que precisava de sangue e luxúria para viver eram as opções que ela teria encarar. Ela, honestamente, não sabia como teria resolvido aquela pequena charada se a escolha não tivesse sido tirada de seu caminho.

Ela podia ver que Marc estava agonizando pela sua reação. Ela também sabia que ele podia ler a maioria, se não todos seus pensamentos. Ele saberia a verdade dos seus sentimentos, não importava o que ela tentasse dizer a ele, então valia a pena pensar a respeito e raciocinar.

De um modo bem estranho, ela estava feliz por essa decisão ter sido feita por ela. Não queria desistir dela, e não queria ser o motivo de sua morte prematura se ela escolhesse continuar mortal. Não duvidava nem por um momento de que ele falou sério quando disse que a deixaria continuar sua vida e então escolheria morrer quando ela morresse de velhice. Ela não podia suportar esse pensamento.

No entanto, ela descobriu, de repente, nada disso importava. Se ele era para ser acreditado, ela era imortal. Viveria para sempre, salvo circunstâncias imprevisíveis, e poderia compartilhar esse momento com ele. Seu espírito se animou. Ia ficar tudo bem. Então, ela teria de beber sangue. O pensamento ainda causava repulsa, mas o mesmo que acontecia com fígado, aspargos e caviar e ela tinha comido todos eles uma vez ou outra. Ela podia fazer o que precisava fazer para sobreviver. Mesmo que isso significasse morder o pescoço de algum pobre coitado de vez em quando.

Marc grunhiu. "O único homem que você irá morder sou eu, *mon amour*, então nem acalante o pensamento de beber do sangue de outro."

"Eu só terei que morder você?" Ela se aconchegou a ele. "De repente a idéia parece cheia de possibilidades."

Ela deu a ele um sorriso diabólico, que ele retornou na mesma medida. Marc lhe tirava o fôlego quando sorria daquele jeito.

Sua companheira era mais preciosa do que ele imaginava. Poucas mulheres o teriam perdoado tão fácil. Não que ele quisesse outra mulher outra vez. Ela era tudo para ele. Era sua primeira e única. Sua parceira, por todos os tempos.

Ele era o mais feliz dos homens. Sua alegria borbulhava e respingava nela, seu sorriso tocando ambas as almas, unidos como estavam.

"Eu te amo, minha companheira."

Os lábios dele encontraram os dela numa corrente de amor, alegria e necessidade. Ele beijou seu pescoço, parando sobre o pulsar de uma veia, sabendo que esta, sua primeira refeição, seria especial para ambos.

Ele a colocou na cama, tirando as cobertas com um puxão firme. Elas escorregaram para o chão, despercebidas.

"Você beberá de mim enquanto eu me uno a você, corpo e sangue. Não tenha medo, Kelly. Isso é o que tem que acontecer entre nós."

Ela concordou, engolindo em seco. Seus olhos estavam arregalados em sua face adorável, seu medo do que estava por vir sombreado apenas pelo seu desejo. Qual era o mais forte dos dois ainda veriam.

"Eu não sei se consigo fazer isso."

"Eu confio em você, *cherie*. Você fará o que o precisa fazer para que possamos viver e prosperar. Nunca se esqueça de que eu te amo. Você é a outra metade da minha alma."

Ela sorriu suavemente. "Quando você fala assim, não consigo te negar nada, Marc. Você é completamente perigoso."

"Nunca para você. Nunca mais." Os olhos dele estavam sérios, seus lábios se curvando num convite enquanto ele se movia sobre ela. "Eu te protegerei de todos os perigos pelo resto das nossas noites. Te amarei, honrarei e te darei sustento assim como você me sustentará."

Ele se esfregou contra ela, sua rigidez deslizando para encontrar sua morada entre as pernas dela, mas não dentro dela ainda. Sentiu o calor úmido dela contra sua pele excitada e sorriu.

"Eu quero você dentro de mim, Marc." Ela se agarrou aos ombros dele, mas ele não se moveu.

"Você é tão impaciente, meu amorzinho. Tudo no seu tempo."

"Eu vou morrer aqui, se você não se mover logo!"

"Você nunca morrerá, *mon amour*. Não agora. Nem nunca. Você ficará comigo, e quando for a hora de partirmos para o outro reino, faremos isso juntos. Você entendeu?"

Ele não conseguiu evitar o medo que o percorreu. Ela o sentiu também, ele sabia, ecoando suas emoções através da conexão entre eles, mas não conseguiu controlar. Quando ele voltou aos seus sentidos com ela quase sem vida em seus braços, conheceu um pânico que nunca gostaria de sentir novamente. Ela não o deixaria. Ela não podia.

Ela deve ter entendido o desespero dele por o agarrou forte, beijando seu rosto com toques suaves. Ele se permitiu ser puxado para dentro do seu abraço quente.

"Eu estou aqui, Marc. Não vou te deixar. Nunca. Eu te amo."

Para o inferno com a espera. Ele a amaria lentamente na próxima vez, mas agora, ele tinha que se unir a ela. Tinha que estar dentro dela, corpo, mente e sangue. Sua paixão flamejou, e ele sabia que ela sentia isso.

Sentiu o eco resultante da alegria e paixão dela conforme seu corpo se erguia para encontrar o dele. Com uma longa e firme estocada, ele empurrou, encontrando seu lugar dentro de seu corpo apertado.

Ele gemeu enquanto se empurrava para dentro dela, sabendo que ela o acolheria em todos os sentidos. Podia sentir sua mente se abrindo para ele e logo tomaria seu sangue dentro do seu corpo assim como ela tomaria o seu. E mal conseguia se controlar, só de pensar nisso.

Vagarosamente, ele começou a se mover para dentro e para fora de sua gruta apertada.

"Consegue sentir a necessidade aumentando? Seus dentes doem com a necessidade de se alongar como presas?"

Ele sabia que ela estava sentindo a dor de suas primeiras presas, e ele teve que guiá-la através dessa pequena mudança. Se moveu mais profundamente dentro de sua mente tanto quanto de seu corpo, levando ritmo a eles enquanto lhe dava um gentil empurrão mental na direção da mudança da qual ela estava com tanto medo. Ele testemunhou a surpresa em sua mente conforme seus dentes caninos se alongavam em pontudas e perfurantes presas que a permitiriam se alimentar dele.

"Marc?" Ela estava insegura, ele sabia, mas querendo seguir aonde ele estava levando. Deus, como ele a amava.

"Estou com você, amor. Está tudo bem." Ele baixou a cabeça, tocando-a. "Lamba meu pescoço bem abaixo da orelha," ele ensinou em um sussurro excitado, "encontre o pulso com sua língua."

Ele quase gozou enquanto ela seguia suas instruções, mas mantinha-se firme. Era a primeira vez que eles gozariam juntos enquanto se alimentavam. Como era pra ser.

Ele a lambeu também, mostrando sem palavras como encontrar o ponto exato do pulsar que significa o sustento da sua raça. Ele grunhiu quando ela o mordeu, provocando-o como só uma amante vampira conseguiria. Ele não havia feito amor com muitas na sua época, mas esteve com o suficiente para pensar avidamente nas maneiras que eles poderiam brincar juntos enquanto ela se tornava mais confortável com sua nova força e habilidade.

Eles tinham muito pela frente ainda.

"Me morda, Marc!"

Sua súplica ressoou pelo coração dele, surpreendendo-o. Ela estava pronta.

Ele mordeu, através de sua deliciosa pele e de dentro de sua essência pulsante. O gosto dela encheu sua boca no mesmo momento que sentiu sua primeira mordida forte. Enterrou seu

rosto na garganta dela e ela no dele, ele podia somente grunhir contra a pele dela enquanto ela tomava os primeiros goles experimentais de seu sangue.

Ela gemeu de prazer, e ele soube que tudo estava bem quando ela sugou mais forte em seu pescoço, exigindo mais. Seus medos ainda estavam no fundo de sua mente, mas a fome por seu parceiro era maior no momento. Ele pulsava dentro dela, e ela tomava tudo que ele podia dar e exigia mais. Ele estava quase fora de controle. Ela era preciosa, sua parceira, e perfeita para ele.

Ele se empurrou dentro dela enquanto sua essência enchia o corpo dele, revivendo suas células e seu sangue a recuperava também. A energia psíquica da união deles era forte. Pulsava nos dois, alimentando sua necessidade de sangue e tesão ao mesmo tempo – da forma que somente amantes predestinados podiam fazer.

Não duraria para sempre. Marc se aproximava de seu clímax quando ela começou a tremer e a se agitar em volta dele. Sua boca permaneceu sobre a garganta dele mesmo quando ela gritou em suas mentes compartilhadas, o orgasmo a arrastando para o alto, para dentro do prazeroso esquecimento de seu corpo.

Ele gemeu, seu corpo se contraindo enquanto o prazer o inundava. Ele sabia que ela estava voando tão alto quanto ele, profundo como ele estava em sua mente, seu corpo, sua alma. Ele se alegrou na união que foi tão completa quanto poderia ser. Nunca estaria sozinho de novo.

Após longos momentos de felicidade, eles flutuaram lentamente para a terra. Ela beijou o pescoço dele, sugando levemente enquanto ele lambia para fechar suas feridas com poucas e finais mordidinhas. Ela seguiu seu exemplo, curando-o com sua língua, usando seus novos poderes sem realmente pensar sobre eles, tendo aprendido da mente dele como exercer alguns dos poderes menores de sua nova forma.

“Você está bem?” Ele sabia que ela estava lidando bem pela união de suas mentes, mas queria ouvi-la dizer isso.

Ela fez que sim com cabeça, acariciando seu queixo. Ela estava macia em seus braços, e era uma distração, mas ele não queria ser distraído. Isso era muito importante.

“*Mon amour?*”

Ela emitiu um som de satisfação do fundo da garganta que ameaçou deixá-lo duro de novo. Ele lutou contra essa sensação até ter certeza que ela estava bem com tudo que havia acontecido. Ele se afastou, tirando um pouco do seu peso de cima dela e se sentiu levemente satisfeito quando ela se recusou a deixá-lo se afastar. Ele tomou isso como um bom sinal.

“Kelly? Coração?”

Ela ergueu um olho sonolento para olhar para ele. “Não consegue ver que eu estou curtindo meu prazer aqui?”

Ele sorriu. “Foi tão bom assim, hein?”

“Não fique todo convencido. Eu admito que o primeiro round foi fantástico, mas ainda tenho que ver se não foi pura sorte.”

Ele riu das suas palavras. Fazia séculos desde que uma amante o havia provocado tão ousadamente. Nunca havia estado com uma mulher que houvesse tomado seu coração e sua alma. Ela era tão especial para ele que doía, mas da melhor maneira possível.

“Eu posso te garantir que não foi sorte.”

“Ah é?” Ela arqueou um sobrelance. “Prove.”

Ele rosnou e empurrou seu membro recém desperto de volta pra dentro dela. “Nunca me desafie, *ma petite*. Você vai descobrir que eu sempre estou preparado pra um desafio.”

“*Mmm*, parece uma boa qualidade num homem.”

Irmãdade do Sangue 02

"Não apenas um homem," ele arfou um pouco enquanto começava a acariciar seu caminho dentro dela, "seu parceiro."

"Isso é o mesmo que marido?"

Ele diminuiu o ritmo, olhando dentro dos seus olhos. Ele sabia como isso era importante para ela. Ele não queria forçar a barra com ela, mas sim, ele queria que ela o aceitasse como parceiro e marido de acordo com as tradições em que ela fora criada.

"Se você quiser que seja. Eu ia esperar até você se acostumar com idéia antes de lançar a questão."

"Fazer."

"O que?"

"Fazer a pergunta. Essa é a frase correta."

"Você consegue corrigir meu Inglês numa hora dessas?" Ele estocou mais fundo para enfatizar seu ponto.

Ela concordou com a cabeça contra o ombro dele, beijando toda pele que conseguia encontrar. "Eu era professora antes de começar a trabalhar para Lissa e Atticus. O uso correto da palavra é importante."

"Eu não tinha idéia de que estava unindo minha vida a uma disciplinadora." A satisfação ressoou pela voz dele enquanto ditava o ritmo, movendo-se fundo dentro dela, ainda que de maneira preguiçosa. "Você poderá ensinar os mais jovens."

Ela se afastou um pouco, olhando para ele com a esperança queimando em seus olhos.

"Nós podemos ter filhos? Quero dizer, eu achei"

Ele reparou na confusão dos pensamentos dela. "Ah, entendo. Você pensou que nossa espécie não podia se reproduzir da maneira tradicional. É raro, eu admito, mas possível entre um casal realmente predestinado. Eu suspeito que Lissa e Atticus talvez possam fazer o anúncio primeiro, mas nós não ficaremos muito atrás. Eu quero ter um filho com você, Kelly, se você também quiser."

Ela empurrou os ombros dele de novo. "Então você deveria muito bem ter feito a pergunta, conquistador. Eu não terei nosso filho sem uma aliança no meu dedo."

Ele riu com prazer. "Você é uma mulher á moda antiga, pelo que vejo. Isso é bom, já que eu sou um homem a moda antiga. Eu te fiz minha na maneira da minha espécie, mas você está certa, nós devemos observar as tradições humanas. Você vai se casar comigo."

"Pare."

Capítulo Treze

Seu tom presunçoso irritou seus nervos. Ela encontrou forças para empurrá-lo de cima dela, imediatamente sentindo falta da sensação de sua rigidez dentro dela, mas precisando esclarecer as coisas. Ele pareceu surpreso de que ela usasse sua nova força contra ele. O olhar magoado em seu rosto quase a deteve, mas maldição, ela queria um pedido de verdade, não uma estúpida ordem para se casar com ele.

“Qual o problema?”

“Eu quero um verdadeiro pedido de casamento, Marc. Não serei mandada a me casar com você como um cachorrinho obediente.”

A tensão dele diminuiu, mas ele estava confuso, ela podia garantir. Estava ficando boa em ler seus pensamentos, embora isso ainda a assustasse um pouco.

“O que você deseja de mim, *ma petite*? Eu farei tudo por você.”

Ela gostou de ouvir aquilo. Sorriu enquanto se sentava na cama.

“Fique de joelhos.”

“Agora está soando interessante.” O sorriso maroto dele iluminou o quarto e ela sorriu.

“Guarde essa idéia para mais tarde. Eu quero uma proposta tradicional.”

“Ah, entendi. E as “propostas mais tradicionais” são feitas por pessoas nuas?”

“Entre os naturistas, eu acho que são, mas vai funcionar pra nós. Eu quero um momento. Uma pergunta e uma resposta. É pedir demais?”

Ele a beijou de brincadeira no nariz antes de se abaixar em um dos joelhos próximo a cama. Tomou uma de suas mãos nas dele, beijando enquanto a olhava no fundo dos seus brilhantes olhos.

“Você nunca me pediria demais, meu amor. Mas agora, eu acredito, tenho algo a pedir para você.”

Ela suspirou ao observá-lo. Ele era um lindo e poderoso homem. Como ela tivera tanta sorte de ter um homem como esse a querendo para sempre?

“Você aceita se casar comigo, Kelly?”

Ainda que soubesse o que estava para acontecer – havia exigido na realidade – a pergunta ainda tirou seu fôlego. Lágrimas se formaram no fundo de seus olhos enquanto olhava para ele, segurando sua mão tão gentilmente, com uma luz esperançosa em seus olhos escuros e atraentes. Ela podia sentir o amor flutuando no ar e no espaço que unia suas almas. Ele a amava. Ela sabia disso no fundo de sua alma, tanto quanto ela o amava.

Nada poderia separá-los.

“Sim.” Lágrimas de felicidade escorriam por sua face. “Eu te amo tanto, Marc.”

Seu sussurro o libertou e ele se levantou, ficando ao lado da cama, em frente á ela, gloriosamente nu e totalmente excitado. Ele era tão bonito que fazia seus olhos doerem. Ela o amava mais do que a vida, mais do que tudo.

“Me mostre,” ele sussurrou, pegando-a pela nuca e dirigindo sua cabeça direto para sua ereção. Ele deve ter ouvido seus pensamentos por que tudo que ela podia pensar enquanto ele se colocava á sua frente era em prová-lo.

Ela se moveu adiante sem resistir, porém ele manteve sua mão na parte detrás de seu pescoço para guiá-la exatamente onde a queria. Ela o deixou comandar, uma vez que sua experiência nessa área era mínima e ela queria saber exatamente o que ele gostava.

Ela o tomou em sua boca, saboreando o gosto salgado e original dele. Ele gemeu, e ela sentiu seu poder feminino, ousando olhar para ele por baixo de suas pesadas pálpebras. O gosto dele era como uma droga, seus olhos surpresos fixos nela, quentes, ardentes e intensos. Se

sentiu poderosa por poder lhe dar tal prazer. Ela o sentiu através da conexão mental deles e revelou em sua habilidade de agradar a ele tanto quanto ele a agradava.

Vampiros pareciam apreciar o leve raspar das presas de suas amantes de uma maneira que ela imaginava que poderia aterrorizar a maioria dos machos humanos. Com um sorriso interior, ela sentiu seus dentes se alongarem apenas o suficiente para tornar suas explorações orais no membro duro... interessantes. Ela raspou suavemente para baixo até lambe suas bolas contraídas.

"Merde! Eu vou gozar na sua boca se você não parar."

Ela não ligou para o aviso. Queria prová-lo completamente, saber que havia lhe dado prazer. Ela se concentrou nesse pensamento para que ele o lesse através da conexão de suas mentes. Seus testículos se contraíram e seu membro pulsou antes que ele jorrasse na garganta dela.

Ela adorou seu sabor, tão diferente dos poucos mortais com que ela estivera dessa maneira. A sensação das emoções dele a inundando elevaram a experiência, seu tesão levando o dela às alturas e alimentando seus sentidos. Ela engoliu cada gota, lambendo seus lábios enquanto ele tremia no pós-orgasmo.

Quando estava calmo o suficiente, ele escorregou para o chão e a puxou para perto. Ele estava ao nível dos seios dela e parou por um momento para saudá-los com sua língua antes de puxar sua cabeça para um fantástico beijo salgado.

"Você me espanta, *mon couer*."

"Eu espanto a mim mesma as vezes." Ela inclinou a cabeça, sorrindo para ele. "Fico feliz que tenha gostado."

"Gostado? Esse termo é muito insípido para descrever como foi, mas é a sua vez. Fique de quatro, *ma petite*."

Ela o olhou desconfiada, mas fez como ele pediu, se equilibrando de quatro no meio da enorme cama. Ele se posicionou atrás dela, entrando em seu sensível canal em uma estocada profunda que roubou seu fôlego. Ele começou a se mover, levando-a cada vez mais alto a cada estocada impossivelmente mais funda. Uma mão pecaminosa alcançou por baixo dela para provocar suas dobras e o botão escondido entre elas, e enquanto ela arfava, ele desceu sua outra mão num forte tapa em seu traseiro carnudo.

Ela se assustou e se contorceu, totalmente despreparada para o som alto ou para a sensação aguda da mão dele. Nenhum de seus namorados anteriores haviam lhe dado tapas, mas isso não significava que ela não pensasse a respeito. Que Marc pudesse escolher essa fantasia em particular em sua mente a emocionava. Ela podia dizer, pela pura satisfação masculina jorrando através de sua ligação mental, que ele havia apreciado cada momento assim como ela.

"Você tem sido uma garota má?"

Ela sorriu diabolicamente enquanto virava a cabeça para olhar para ele por sobre o ombro. Ele estava tão magnífico que a fez querer coisas que nunca antes ousara sonhar.

"Eu acho que fui uma garota muito má."

Ele acertou seu traseiro com um olhar reprovador. "Como você deve se dirigir a mim?"

Ela o olhou desorientada, então ele tentou de forma diferente, dando-lhe outro tapa.

"Qual é o meu título?"

O entendimento transpareceu conforme ela sorria de novo. "Eu fui uma garota muito má... Mestre."

Ele grunhiu em satisfação enquanto se movia com mais força dentro dela. Ele estocou mais fundo, mais forte e mais rápido, enquanto dava fortes e excitantes tapas em seu delicioso

traseiro. Ela não agüentaria por muito tempo, ele sabia através da ligação mental deles, e planejava gozar junto com ela quando ela explodisse, mas precisa de mais uma afirmação antes.

“Uma vez você me disse que não chamava nenhum homem de “mestre”. Você mentiu para mim?”

Ela arfou enquanto se aproximava do auge. “Só você, meu amor. Só você, meu Mestre.”

Ele deixou acontecer então, com jatos fortes dentro dela enquanto ela se gozava em volta dele com um grito de prazer. Sua bunda exibia um adorável tom de rosa que ele se recordaria para sempre.

Longos momentos depois, eles escorregaram para o pós-orgasmo. Ele acariciou o cabelo dela enquanto ela se aninhava ao seu lado.

“Você nunca fez *spanking* antes, fez, *ma petite*?”

Ela negou com a cabeça. “Eu achei que você tivesse lido essa fantasia na minha cabeça. Quer dizer que você não sabia?”

Ele deu de ombros. “Foi um golpe de sorte. Até agora você tem sido meu par perfeito em todos os sentidos. Sem dúvida irá gostar de todas as coisas que escolhi para fazer com e para você.”

“Mal posso esperar.” A voz dela era provocativa, mas seus olhos eram tímidos enquanto ela aninhava sua cabeça na curva do pescoço dele.

“Temos muitas vidas de descobertas a nossa frente. Primeiro, vamos nos casar e tornar nossa relação legal aos olhos dos seus amigos. Então trabalharemos no resto... pela eternidade.”